

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE PÓSGRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM POLITICAS PÚBLICAS E SOCIEDADE

ANA CECÍLIA DOS SANTOS

**PROJETO “CANTOS DA MATA” E O GRUPO “CARICULTURA”:
SIGNIFICADOS DE RESISTÊNCIA E AUTONOMIA A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO ASSENTAMENTO BARRA DO LEME
(PENTECOSTE-CE)**

FORTALEZA-CE

2009

ANA CECÍLIA DOS SANTOS

Projeto “Cantos da Mata” e o grupo “Caricultura”: significados de resistência e autonomia a partir das manifestações artísticas no assentamento Barra do Leme (Pentecoste-CE)

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Sociedade.

Orientação: Prof (a). Dra. Cláudia Sousa Leitão

FORTALEZA-CE

2009

ANA CECÍLIA DOS SANTOS

Projeto “Cantos da Mata” e o grupo “Caricultura”: significados de resistência e autonomia a partir das manifestações artísticas no assentamento Barra do Leme (Pentecoste-CE)

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará. Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Políticas Públicas e Sociedade.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof (a). Dra. Cláudia Sousa Leitão (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Hermano Machado Ferreira Lima

Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Francisco Horácio da Silva Frota

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

A dissertação objetiva refletir sobre as relações entre seres humanos, a cultura e o meio ambiente, a partir de um Programa do Ministério da Cultura intitulado “Cultura Viva”. A pesquisa de campo ocorreu num assentamento agrário (Barra do Leme) no município de Pentecoste-CE. Através do instrumento da entrevista e da técnica de análise de discurso, os moradores do referido assentamento descreveram seu cotidiano, seu imaginário, suas representações acerca da terra, suas expressões artísticas e culturais, valendo destacar entre eles o grupo “Caricultura” que se tornou um “Ponto de Cultura”, dentro do Programa “Cultura Viva”. Essa pesquisa busca compreender em que medida o grupo “Caricultura” é capaz de contribuir para a construção de solidariedades a partir da aproximação entre a arte e a vida.

Palavras Chave: Arte, Meio Ambiente, Políticas Públicas, religiosidade, imaginário

RÉSUMÉ

La dissertation objective refléter sur les relations entre des êtres humains, la culture et l'environnement, à partir d'un Programme du Ministère de la Culture intitulée « Culture Vivante ». La recherche de champ s'est produite dans un établissement agraire (Barra do Leme) dans la ville de Pentecoste-CE. À travers l'instrument de l'entrevue et de la technique d'analyse de discours, les habitants dudit établissement ont décrit leur quotidien, leur imaginaire, leurs représentations concernant la terre, leurs expressions artistiques et culturelles, en valant détacher entre elles le groupe « Caricultura » qui s'est rendu un « Point de Culture », à l'intérieur du Programme « Culture Vivante ». Cette recherche cherche comprendre où mesurée le groupe « Caricultura » c'est capable de contribuer à la construction de solidarités à partir de l'approche entre l'art et à la vie.

Mots Clé : Art, Environnement, Politiques Publiques, religiosité, imaginaire

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	05
1.1 Percurso Metodológico	10
1.2 Primeira etapa da fase exploratória da pesquisa: relato sobre a primeira tentativa de viagem ao assentamento Barra do Leme	12
1.3 De volta à Fortaleza, primeiro encontro com Inácio e Ivânia	18
1.4 Apresentação no Festival da Cultura “Terra Viva – Terra de Arte”	20
1.5 Assentamento Barra do Leme	21
2.0 O SURGIMENTO DO GRUPO “CARICULTURA”: REFLEXÕES SOBRE A ARTE NO COTIDIANO DO SERTÃO CEARENSE	33
2.1 O Grupo “Caricultura” entre a Tradição e a Modernidade	35
2.2 O Grupo “Caricultura” e a indústria cultural: significados de resistência	38
2.3 O Grupo “Caricultura” e o teatro “libertário”	41
2.4 A Vivência em Grupo e as Expressões Artísticas	46
3.0 INCRA-CE E O “CARICULTURA” E OS SIGNIFICADOS DE AUTONOMIA	53
4.0 GRUPO CARICULTURA: TERRA E SUBJETIVIDADE NO IMAGINÁRIO RURAL	62
4.1. O Imaginário Religioso e a Formação das Subjetividades no Grupo “Caricultura”	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXOS	78

1. INTRODUÇÃO

Desde épocas mais remotas, encontramos manifestações culturais e artísticas produzidas pelo homem que atestam suas formas de relacionamento com o mundo. Homens e mulheres organizaram tradicionalmente sua existência, deixando-a repleta de significados e revelando-a como linguagem, transformando, enfim, paisagens naturais em meio cultural.

Além de vincular o homem ao mundo, a arte possibilita animar o ser humano, uma vez que ela é expressão da razão, mas, também, dos sentidos, despertando sentimentos e pensamentos capazes de mobilizar e transformar sua vida. Funciona também como força integradora de uma comunidade, principalmente quando se encontra na arte o resgate da memória e a transmissão de saberes. Possibilita, ainda, uma reinvenção do seu cotidiano, servindo como um instrumento neutralizador das angústias do homem diante da vida e da morte.

No contexto da reforma agrária, a arte pode desempenhar um papel importante para a vida rural, ampliando sua capacidade poética e imaginativa, reconciliando os seres humanos com a natureza. De acordo com Barroso:

o pensamento que liga o homem à natureza e o roceiro à terra em que trabalha é parte de uma concepção tradicional do mundo, por alguns chamada mítica ou mágica. Esta, não se trata de uma lógica pré-científica ou de um modo de comportar-se, de dar significação à realidade, ou seja, de uma cultura ultrapassada. Tradição e modernidade, ciência e magia coexistem e são contemporâneos. (BARROSO,2005, p. 59)

Para Barroso “os assentamentos de reforma agrária devem ser percebidos como um microcosmo (...) ligado ao mundo”. (BARROSO,2005, P.74) Por isso, o autor considera necessário cuidar do registro da memória do assentamento e difundir a cultura e as tradições do campo, para, através das manifestações artísticas, expandir a auto-estima e o sentimento de pertença entre os assentados. O autor afirma, a partir da obra de Roseli Caldart, que as manifestações artísticas articulam um sentido para a luta pela reforma agrária no campo.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE) desenvolveu através do Projeto do Ministério da Cultura, intitulado “Ponto de Cultura”¹, o Projeto “Arte e Cultura na Reforma Agrária” em vários assentamentos no Estado. Seu objetivo principal é transformar assentamentos em espaços do ‘fazer artístico’, ou seja, de acordo com Silma Magalhães, coordenadora do projeto, o intuito é fortalecer a cultura tradicional no interior cearense, através do projeto que envolve o registro e a divulgação das manifestações culturais em multimídia, a inserção da cultura popular na dinâmica educacional local, além da publicação de material de reflexão. Foram sete² projetos culturais de assentamentos de reforma agrária no Ceará que se tornaram “Pontos de Cultura”. O edital dos selecionados pela Secretaria de Cultura do Ceará (SECULT) foi divulgado no dia 04/02/2009.

No sítio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA),³ que se refere ao Projeto “Arte e Cultura na reforma agrária”, chamou-me a atenção o resultado do edital que premiou o município de Pentecoste-CE:

“Cantos da Mata”, do assentamento Barra do Leme, em Pentecoste
A questão ambiental foi bastante difundida em Barra do Leme após a realização do Projeto Ciclovida, em que assentados viajaram de bicicleta por todo o Brasil e países da América Latina divulgando a utilização de sementes nativas e o respeito ao meio ambiente. O projeto Cantos da Mata pretende ampliar esse discurso com a realização de um Seminário de Arte, Cultura e Educação Ambiental, de exposição fotográfica contando a história do Projeto Ciclovida e a montagem de um espetáculo teatral em

¹ Ação prioritária do Programa “Cultura Viva” do Ministério da Cultura (MINC) que assume a cultura, a educação e a cidadania, enquanto incentiva, preserva e promove a diversidade cultural brasileira. Por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais, o MINC iniciou, em 2004, a implantação dos Pontos de Cultura, com a missão de reconhecer e reverenciar a cultura viva de seu povo. O Programa “Cultura Viva” contempla iniciativas culturais que envolvem a comunidade em atividades de arte, cultura, cidadania e economia solidária. Essas organizações são selecionadas por meio de edital público e passam a receber recursos do Governo Federal para potencializarem seus trabalhos, seja na compra de instrumentos, figurinos, equipamentos multimídias, seja na contratação de profissionais para cursos e oficinas, produção de espetáculos e eventos culturais, entre outros. (Disponível em http://www.cultura.gov.br/cultura_viva).

² Foram aprovados os projetos dos assentamentos de Lagoa do Mineiro, localizado no município de Itarema; Barra do Leme, que fica em Pentecoste; Tiracanga II, em Canindé; Recreio, no município de Quixeramobim; Cachoeira do Fogo, localizado em Independência; Santana, em Monsenhor Tabosa; e Lagoa do Mato/Esperança, em Sobral.

³ Disponível em www.mda.gov.br

homenagem a Chico Mendes. Um CD será gravado. O projeto prevê também a instalação de um Centro de Inclusão Digital e o resgate do Reisado local.

Anteriormente, tinha ouvido falar dessa experiência da viagem de bicicleta do Ceará à Argentina, realizada por algumas pessoas do assentamento Barra do Leme. No ano de 2008, um aluno do mestrado acadêmico de Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará (UECE), havia me mostrado o *blog*⁴, criado pelos moradores do assentamento, onde se liam narrativas sobre a viagem. Após ler no sítio do Ministério de Desenvolvimento Agrário sobre o Projeto, obtive do mestrando o telefone dos moradores do assentamento que fizeram a viagem. Ele os conhecia pessoalmente, pois já havia passado alguns dias no referido assentamento. Resolvi, então, fazer minha pesquisa sobre o Projeto “Arte e Cultura” no assentamento Barra do Leme, pesquisando o projeto “Cantos da Mata”.⁵

Para Barroso “a cultura é entendida como a maneira de ser de um povo, a subjetividade de uma gente (...), seus imaginários e universos simbólicos” (BARROSOS, 2005, p. 22). Diante desta definição, minha preocupação inicial era saber até que ponto uma política pública, voltada para o fomento à cultura, que se propõe ao desenvolvimento social-econômico das comunidades, é capaz de se relacionar com os imaginários, ou ainda com as dimensões subjetivas do homem que vive no campo. Será que essa política pública contribuiria para compreender as singularidades e necessidades culturais dos moradores do assentamento Barra do Leme, indo além de meros objetivos de progresso social e econômico? Será que é capaz de estimular o desenvolvimento humano sem intervir na espontaneidade e nos cotidianos dos assentados, assim como nas suas produções artísticas?

O objetivo geral é refletir sobre as relações entre homens, mulheres, cultura, meio ambiente, Política Pública Cultural em um dado assentamento rural. Especificamente observar como o grupo artístico “Caricultura” desenvolve práticas de sociabilidade, resgate cultural, discussões sobre o meio ambiente, a partir de

⁴ Disponível em Projetociclovida.blogspot.com

⁵ Segue no anexo o folder do projeto “Cantos da Mata”

manifestações artísticas vividas nos seus cotidianos. Os objetivos específicos são: conhecer o grupo artístico “Caricultura” e o seu processo de formação; compreender as relações sociais formadas dentro do grupo, assim como a arte e o cotidiano; identificar as representações dos integrantes sobre a natureza; identificar a representação dos moradores do assentamento Barra do Leme e dos componentes do grupo sobre o trabalho artístico que vem sendo realizado; levantar as expectativas dos indivíduos que atuam no grupo percebendo a relação entre o grupo artístico e a Política Pública promovida pelo INCRA-CE.

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi necessário, além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa de campo realizada no assentamento Barra do Leme. Nela foi utilizada a técnica da entrevistas e a trajetória de vida de alguns personagens⁶. Durante as entrevistas, realizadas nesse trabalho, refletirei sobre alguns pontos que considero importantes para compreender o trabalho artístico que realizam. Um deles é a própria representação da arte para os assentados. Através das entrevistas, tentarei compreender como a arte possibilita as expressões dos sonhos, desejos e necessidades do cotidiano dos integrantes do grupo artístico, enfim, como através da arte é possível ao assentado simbolizar os seus anseios perante o mundo, ao mesmo tempo contribuindo para fixá-lo em um território.

Na primeira etapa da pesquisa exploratória, apresentarei as primeiras entrevistas realizadas com os participantes do grupo artístico e com os moradores do assentamento “Barra do Leme”, a fim de descrever como aconteceu a ocupação da terra e a representação dos mesmos sobre o grupo “Caricultura” ao qual pertencem. Será abordada neste estudo, a peleja pela preservação ambiental proposto pelos integrantes do grupo artístico. Em seguida, apresentarei algumas entrevistas feitas ao casal Inácio e Ivânia que tiveram a iniciativa de criar o grupo.

⁶ Utilizarei no decorrer deste trabalho a expressão “personagem” estabelecida a partir da idéia de representação teatral no cotidiano dos indivíduos, presente na obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” de Erving Goffman. O autor emprega a perspectiva de representação teatral para tratar do modo como os indivíduos se apresentam a si mesmos e as suas atividades às outras pessoas.

Nesta etapa, desejo compreender os significados de autonomia e resistência propostas pelo o grupo “Caricultura”, analisando em que medida as mesmas possibilitam a criação de sociabilidades, especialmente nos momentos de dificuldades estruturais do assentamento. Por isso, os significados de autonomia propostos pelo grupo serão investigados no decorrer deste trabalho. Autonomia e resistência serão conceitos importantes para a compreensão do objeto pesquisado.

O imaginário religioso também constitui elemento importante para a pesquisa. Consta que este universo se confunde com a trajetória de muitos dos assentados, especificamente nas vidas de alguns componentes do grupo artístico. Observo, por conseguinte, as conexões entre este imaginário religioso e as práticas de mobilização, as trajetórias de luta e a transformação da realidade do assentamento. Através da técnica de análise de discurso, identificarei as representações dos assentados sobre a terra e a natureza, permitindo levantar, ainda, elementos para reconstituir suas formas de vida.

Início o segundo capítulo com uma discussão sobre a arte como forma de vida. Em seguida, prossigo com as narrativas de como surgiu o grupo, e no decorrer das falas dos personagens, chego à discussão sobre os divergentes e convergentes pontos de vista em relação aos valores tradicionais, frente aos avanços tecnológicos trazidos pelo progresso econômico no assentamento Barra do Leme. A seguir, trato da luta, através das manifestações artísticas, pela autonomia no assentamento, a partir de uma reflexão sobre as práticas dos participantes do grupo artístico na produção artísticas e suas resistências aos produtos e serviços da indústria cultural⁷. Trato da origem do teatro⁸ e suas concepções libertárias e aponto para o

⁷ Entendendo Indústria cultural como um termo utilizado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), membros da Escola de Frankfurt. Os autores analisam a produção e a função da cultura no capitalismo. Os autores criaram o conceito de “Indústria Cultural” para definir a conversão da cultura em mercadoria. O conceito não se refere aos veículos de comunicação como televisão, jornais, rádio, mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante. A produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico.

⁸ Primeira atividade representada pelo grupo “Caricultura” nas atividades dos “Pontos de Cultura”.

pensamento do grupo a respeito do seu cotidiano. No final deste capítulo, abordo as sociabilidades e as vivências no grupo artístico. Analiso a relação das crianças dentro do grupo e a partir daí, proponho conexões entre educação, arte e produção de sociabilidades.

No terceiro capítulo, narro a trajetória de Silma Magalhães para conseguir trazer os “Pontos de Cultura” para os assentamentos da reforma agrária no Ceará. Discuto a relação entre o INCRA-CE e o grupo artístico do assentamento Barra do Leme, construindo uma discussão sobre as discrepantes formas de dar significado à palavra autonomia. Aponto, por meio da teoria weberiana, como as ações dos indivíduos são orientadas por diversos sentidos, dando rumos diferentes ao processo histórico, citando o exemplo dado por Oswald Barroso para discutir essa questão.

No quarto capítulo, assinalo ao longo da história das mitologias e religiões, como se formou um imaginário sobre a terra, como esse imaginário contribuiu para a luta pela preservação do meio ambiente e como gerou as diferentes formas de vivenciar uma relação com a terra, possibilitando o surgimento de questões que são discutidas e representadas, mediante as artes, no grupo “Caricultura”.

1.1. Percurso Metodológico

A primeira etapa da pesquisa foi iniciada e prosperou, mediante processos inesperados que surgiram na ida ao campo e durante as entrevistas com os informantes. Para Bachelard, “um método excelente termina por perder sua fecundidade se não se renova no seu objeto” (BACHELARD, 1978, p.95). Por isso, a construção do conhecimento sobre o objeto pesquisado foi brotando durante o caminho da investigação, por meio da interação com o lugar e com os personagens. De acordo com Geertz (1989), estudar as culturas é entender o mundo conceitual no qual vivem os sujeitos, é interpretar, buscar os significados, observar os comportamentos.

Para começar a pesquisa, fui ao campo com a intenção de adentrar no universo das pessoas que participam do grupo artístico, para assim, compreender seus processos, as particularidades do grupo, os mecanismos e regras de convivência e as representações sobre essas regras. Realizei viagens a fim de conhecer a vida, a rotina de um assentamento no sertão cearense, buscando dessa forma, uma integração com o campo da pesquisa. Para Malinowski,

Isto se dá na apresentação de detalhes íntimos da vida dos nativos, no esclarecer para nós aqueles seus aspectos com os quais só se conseguem familiaridade através de uma forma ou outra de estrito contato com os nativos, durante um longo período de tempo. (APUD ZALUAR, 1990, p. 54)

Gravei entrevistas, almejando saber os motivos, as particularidades que os levaram às ações praticadas, buscando conhecer e aprofundar as trajetórias sociais dos personagens da pesquisa. Para Elias (1994), a sociedade está num fluxo contínuo de mudanças rápidas ou lentas. Dentro da sociedade ocidental, existem outras sociedades vivendo conjuntamente. Por isso, nosso raciocínio deve partir das unidades menores que compõem as maiores através de suas inter-relações. É importante investigar as primeiras como são em si, independentes de todas as suas relações com as outras. Segundo Laville e Dionne:

Um pesquisador se dedica a um dado caso, é muitas vezes porque ele tem razões para considerá-lo como típico de um conjunto mais amplo do qual se torna representante, que ele pensa que esse caso pode, por exemplo, ajudar a melhor compreender uma situação ou um fenômeno complexo, até mesmo um meio, uma época. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.56)

Utilizei o estudo das trajetórias sociais para melhor compreender os processos, os elementos motores que alguns personagens da pesquisa vivenciaram até o surgimento do grupo. Escolhi colocar na pesquisa a trajetória social para poder compreender os motivos que os levaram a realizar esse trabalho de resgate da cultura camponesa, da preservação do meio ambiente através das artes como a música, a xilogravura, a contação de história, o teatro e a dança. Os entrevistados narraram suas histórias livremente. Essa metodologia tem como objetivo perceber melhor a relação entre os indivíduos e as suas comunidades, dando voz aos indivíduos que através de suas histórias de vida, se tornam sujeitos produtores da história e da vida social. Para Laville e Dionne:

Obtêm-se assim belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou na participação ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela. (LAVILLE; DIONNE, 1999,p:159)

Em seguida, transcrevi as falas, e em alguns momentos, utilizando-me da técnica da análise do discurso, busquei compreender os sentidos das falas dos informantes em determinado contexto. De acordo com Luis Henrique Eiterer⁹ a análise do discurso envolve algo mais do que saber o que se fala, envolve saber quem fala, para quem fala, como falam e para que falam, pois o discurso pode ter inúmeras funções e significados.

A pesquisa de campo provocou a realização de novas leituras, fruto das falas dos informantes. Dessa forma, foi surgindo a necessidade de definir as categorias e os conceitos sobre cultura, mito, imaginário, religiosidade, políticas públicas culturais, além de alguns conceitos relativos ao mundo rural, que serviram como base da pesquisa.

1.2. Primeira etapa da fase exploratória da pesquisa: relato sobre a primeira tentativa de viagem ao assentamento Barra do Leme.

Em uma manhã de domingo do mês de maio de 2009, eu e Marcílio¹⁰ viajamos com destino ao município de Pentecoste-CE, localizado no semi-árido nordestino. A bordo de uma motocicleta, saímos levando uma mochila com roupas, uma barraca de camping, uma máquina fotográfica, um gravador de voz digital, um

⁹ Disponível em <http://lheimerer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html>

¹⁰ José Marcilio de Sousa Façanha é mestre em Políticas Públicas e Sociedade Pela Universidade Estadual do Ceará e me auxiliou nas viagens ao campo de pesquisa.

caderno de anotações e alguns mantimentos para a viagem. Nossa intenção era permanecer três dias no assentamento rural Barra do Leme. Quando chegamos à cidade, procuramos nos informar sobre como chegar ao assentamento. Um senhor disse que devíamos pegar a estrada de terra existente na entrada da cidade, logo depois da placa com os dizeres: “Bem vindo a Pentecoste”. Fomos até lá e percorremos essa estrada de difícil passagem, cercada de mato, sem casa ao redor, cheia de buracos. Somente moto ou veículos apropriados para estradas em condições de *rally* passavam pela estrada, pois carro comum e caminhão não passavam. Ficamos quatro horas rodando nessa estrada, perdidos. Não encontrávamos pessoas para nos dar informações. Quando encontrávamos alguém andando na estrada ou alguma casa, parávamos para perguntar, mas a informação era sempre vaga, pois não havia placa ou ponto de referência. As pessoas diziam: “vão direto por aqui”. Logo na frente, nós encontrávamos uma bifurcação e escolhíamos o caminho aleatoriamente. A situação piorava quando tínhamos que passar por riachos. Eu descia da moto e atravessava a pé para verificar se a profundidade das águas dos riachos, alcançava a parte elétrica da moto. Em alguns momentos o motor falhava, chegamos a derrapar, pois o chão estava liso como sabão. Choveu muito e ficamos com as roupas e as bagagens encharcadas.



FIGURA 1 - Estrada de Canafistula no período das chuvas. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.

Começamos a ficar cansados e com fome. Já se passavam mais de três horas de estrada enlameada, quando encontramos um sítio com os dizeres: “Clube Social Maria Nojosa”. Esse sítio, que leva o mesmo nome de sua proprietária, fica na

localidade de “Canafístula”, aproximadamente seis quilômetros do assentamento Barra do Leme. Chegamos e perguntamos onde ficava o assentamento. Maria Nojosa nos informou que estávamos no caminho errado. Perguntamos então como poderíamos chegar e as respostas eram sempre vagas, como: “Vocês têm que voltar ao “Macaco”; “vocês vieram por aqui, então passaram por lá; vão direto pelo “Macaco”. “Macaco” era o nome do assentamento mais próximo à Barra do Leme, porém, não conhecíamos nada do caminho. Só possuíamos um mapa que já não servia, pois a intensa chuva, que caiu sobre a região, tornou as estradas intransitáveis e o caminho para os vilarejos e assentamentos foram alterados. Marcílio pediu para alguém da casa ir com ele até o “Macaco” para mostrar o caminho e eu fiquei esperando na casa. Um dos filhos de Maria Nojosa foi e quando chegaram ao local, viram que seria impossível passar de moto, pois a chuva havia criado uma lagoa no meio do caminho. Resolvemos retornar para Fortaleza, mas não conseguimos, porque a passagem pela estrada mais próxima estava tomada pela água.



FIGURA - 2 .Casa de Maria Nojosa. Foto: Ana Cecília dos Santos

Pedi a Maria Nojosa para me vender um prato de comida, pois já eram duas horas da tarde e eu estava com fome. Ela trouxe e disse que eu não precisava pagar (todos os ingredientes do almoço eram produzidos naquele sítio). Depois, perguntei se poderia armar minha barraca no quintal da casa para passar a noite até

o volume d'água baixar. Maria Nojosa nos deixou ficar e passamos dois dias hospedados na sua casa. Tomamos banho, jantamos e nos outros dias almoçamos e tomamos café da manhã com a família. A hospitalidade era uma característica que percebi em todas as pessoas daquela localidade.

Maria Nojosa é uma senhora de quarenta anos de idade, estatura média, branca, cabelos loiros compridos, olhos castanhos. Sua casa é grande, feita de tijolos, forrada com telhas, com três quartos, banheiro, quintal grande. Uma casa que funcionava como clube no mês de setembro, pois ela promove uma festa para a comunidade. A casa é também uma espécie de bar com balcão inexistente, nem bebidas expostas. Há no quintal criação de cachorros caçadores que os filhos utilizam nos dias de caça aos tatús; criação de patos e galinhas e um pouco distante da casa, bois, vacas e cavalos. Há também uma pequena plantação de milho e feijão que serve apenas para abastecer as pessoas da casa, pois a chuva havia prejudicado a plantação nesse ano de 2009, não havendo excedentes para a comercialização.

Moram com ela seis filhos: três rapazes adolescentes eram filhos dela, os outros três, uma menina de cinco anos, outra de doze anos e um menino de dez eram filhos de uma vizinha, sem condições para criá-los. Maria Nojosa é uma mãe solteira que sozinha cuida da casa e filhos. Narrou as dificuldades vivenciadas, principalmente, na época de chuva, pois não consegue ter acesso à cidade de Pentecoste para comprar mantimentos.

Nesse tempo que passei na casa, várias pessoas apareciam para comprar cachaça e outros mantimentos, como arroz e feijão. Quando apareciam, passavam um grande período de tempo conversando na varanda. Todos pareciam ter muito respeito por Maria Nojosa e gostavam de ir lá para conversar. À noite, as pessoas da vizinhança apareciam para tomar um café e conversar na varanda, permanecendo até Maria Nojosa decidir dormir.



FIGURA – 3 Frases na porta da casa de Maria Nojosa, pedindo proteção a Deus e dignificando os bens conseguidos, por meio do esforço e do trabalho. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.

Eu e Marcílio conversamos com muitas pessoas. Marcílio até se sociabilizou rápido e chegou a jogar futebol com os filhos de Maria Nojosa. À noite, ficávamos olhando o céu, admirados com a maior quantidade de estrelas, comparada com a visão do céu que temos em Fortaleza. Um dos filhos da anfitriã, perguntou o que estávamos olhando. Quando dissemos que eram as estrelas, eles ficaram zombando. As duas noites que nos hospedamos nesse lugarejo, conversamos muito com as pessoas, contando histórias e piadas. Apareceu-nos um rapaz, que disse já ter morado na cidade de Fortaleza, mas não conseguiu ficar, porque as pessoas não se tratavam bem, eram desconfiadas. Falou a seguinte frase: “aqui você chega e diz para dona Maria: posso dormir aqui? To bêbado e não consigo ir para casa”. Também revelou que não gostava do barulho e que ficava perturbado com o movimento. Esse rapaz falou uma coisa que despertou minha curiosidade. Ele disse: “o homem quer ser mais que Deus, mas só Deus pode tudo. Vocês vieram aqui fazer a pesquisa, mas Deus mandou a chuva e agora como vão fazer a pesquisa?” Esse rapaz mora numa casa que não tem luz elétrica, nem água encanada e apesar disso, parecia não precisar de mais nada, isto é, estava tranquilo com as suas condições materiais. Era muito simpático e receptivo e demonstrava simplicidade. Dialogamos também com um dos filhos adolescentes de dona Maria. E

entre conversas, um dos adolescentes revelou algo que também me chamou a atenção. Falou que não gostava de freqüentar a escola, porque preferia ficar no mato caçando ou trabalhando. Para ele a escola era muito chata, sendo obrigado a ficar horas sentado na cadeira. Não gostava também do jeito autoritário dos professores que se achavam superiores a ele.

Um senhor que morava no assentamento “Macaco” apareceu na casa de dona Maria Nojosa para conversar, e revelou que conhecia as pessoas que faziam parte do projeto do INCRA, lá no assentamento Barra do Leme. Afirmou ter os telefones dos informantes que procurávamos. Tentamos telefonar, mas na localidade, não encontramos sinal de celular. Buscando o sinal, conseguimos telefonar por alguns segundos e obtivemos a informação de que eles estavam em Fortaleza. Em seguida, obtivemos os telefones da casa onde estavam hospedados.

Gostamos muito de ter passado esses dois dias na casa de Maria Nojosa, principalmente, pela tranquilidade e receptividade das pessoas, mas resolvemos voltar para Fortaleza quando a água baixou. Contamos com a ajuda dos adolescentes para levantar a moto ao atravessar à lagoa, devido à profundidade. A moto poderia apresentar uma pane se tentássemos passar.

Fizemos nossas despedidas, mas combinamos voltar. Foram todos prestativos e hospitaleiros, demonstrando tamanha confiança em nós como poucas vezes percebi nas pessoas que residem nas grandes cidades.



FIGURA – 6 Retorno à Fortaleza. Foto: por Ana Cecília dos Santos, 2009.

1.3 De volta à Fortaleza, primeiro encontro com Inácio e Ivânia

Já em Fortaleza, contatamos Inácio e Ivânia, os fundadores do grupo “Caricultura” que ganhou o edital para participar dos “Pontos de Cultura”. Combinamos de nos encontrar na Assembléia Legislativa, pois eles estavam ajudando agricultores a lutarem por suas terras. Depois da reunião deles com um advogado, em um escritório da Assembléia Legislativa do Ceará, convidamos os dois para um almoço.

Falei sobre o que eu gostaria de pesquisar e trocamos algumas idéias. Perguntei se eles poderiam ir à minha casa no dia seguinte para conversarmos mais sobre o projeto desenvolvido no assentamento. Mas a visita só veio a acontecer na semana seguinte. Vieram em uma quarta-feira. Jantamos e, logo em seguida, gravei três horas e meia de conversa sobre suas trajetórias de vida e o trabalho realizado naquele e em outros assentamentos que, no decorrer da conversa, foram mencionados.

Inácio é homem de quarenta e seis anos, branco, cabelos loiros e compridos, na altura do queixo, olhos castanhos. Ivânia é uma mulher de quarenta e dois anos, morena, olhos pretos, cabelos encaracolados e negros, magra. Inácio é alegre e irreverente, gosta de cantar e fazer as coisas parecerem engraçadas. Demonstrou ter uma leitura crítica em relação ao cotidiano deles. Ivânia é uma pessoa que demonstra ter tranquilidade na maneira de falar e também uma leitura analítica sobre os acontecimentos do cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras do meio rural.

Os dois moram no assentamento “Barra do Leme”, sendo os responsáveis pela mobilização dos trabalhadores rurais na luta pelo direito de morar nas terras onde é hoje o assentamento. Também foram eles, com a participação de jovens e crianças moradores da comunidade, os idealizadores do Projeto “Cantos da Mata”, ganhador do edital de financiamento de manifestações culturais no interior do Ceará, por meio do “Arte e Cultura na Reforma Agrária” (projeto administrado pelo INCRA), vinculado ao Programa “Pontos de Cultura” da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Abaixo algumas fotos encontradas no blog de Inácio e Ivânia mostrando a trajetória da viagem até a Argentina.



FIGURA-7 Viagem de Fortaleza à Argentina. Imagem disponível no endereço eletrônico: projetociclovida.blogspot.com

1.4. Apresentação no Festival da Cultura Terra Viva – Terra de Arte

Nos período de 25 a 28 de novembro de 2009 foi realizado o Festival da “Cultura Terra Viva – Terra de Arte em Canindé”¹¹, promovido pelo “Arte e Cultura na Reforma Agrária” do INCRA-CE, com a apresentação artística dos grupos ganhadores do edital do programa “Ponto de Cultura”.

Fiquei sabendo do festival no dia 26 de novembro, através de um telefonema de um amigo e, no dia 27 de novembro, ao meio-dia, viajei a Canindé para presenciar as apresentações do grupo. Fiquei hospedada em uma pousada próxima à praça onde fica a basílica de São Francisco. Por volta das 16:30 horas, fui andar pela cidade e coincidentemente encontrei Inácio, Ivânia e o grupo artístico se preparando para realizar um cortejo pela cidade de Canindé, até a praça da basílica de São Francisco, local onde realizou a primeira apresentação teatral do grupo, após terem se tornado um “Ponto de Cultura”.

Assisti à apresentação teatral e tirei fotos. Ao local, compareceram muitos moradores da cidade de Canindé, fotógrafos e pessoas filmando os espetáculos ao ar livre. No final da apresentação, conversei com os componentes do grupo artístico e com Inácio e Ivânia. Ambos me convidaram para jantar com o grupo em um convento, local que serviu como hospedaria para os moradores do assentamento Barra do Leme. No final do jantar, aconteceu outro cortejo, dessa vez, realizado por outros grupos participantes dos “Pontos de Cultura”. Eu e os integrantes do grupo artístico de Barra do Leme caminhamos até á praça, onde havia um palco armado. No local, havia muitos moradores da cidade esperando o início das apresentações. Assisti à apresentação de dois grupos. Os temas das apresentações eram diferentes dos apresentados pelo grupo do assentamento Barra do Leme, pois não discutiam questões relacionadas à questão ambiental. Tratavam de assuntos vivenciados nos seus cotidianos, como relações entre casais e folclore nordestino, por exemplo,

¹¹ Cidade com forte tradição de religiosidade no interior do Ceará.

como a “festa do boi”. Por volta das 22 horas, retornei à pousada e ao raiar do dia, peguei um ônibus para Fortaleza.

Na parte anexa deste trabalho, estão algumas fotos das apresentações do grupo artístico e fotos do cortejo do grupo pela Cidade de Canindé até chegar à praça da basílica de São Francisco.

1.5. Assentamento Barra do Leme

No dia 28 de dezembro de 2009, viajei com Marcílio ao assentamento Barra do Leme mas, dessa vez, preferimos nos deslocar de ônibus para não nos perdermos novamente. Chegamos por volta de 15:30 horas, após uma viagem com duração de três horas e trinta minutos. O ônibus era bastante desconfortável e lotado de passageiros em pé.

Descemos no assentamento conhecido pelo nome de “Salgado”, pois o ônibus não passava pelo assentamento “Barra do Leme”. Ao descermos do ônibus, deparamo-nos com uma vegetação seca e estrada empoeirada, paisagem do sertão bastante diferente da qual presenciávamos em maio de 2009.



FIGURA - 8 . Estrada no período seco. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009

Nesse assentamento também moravam componentes do grupo artístico que nos ajudaram, fornecendo alimentação e conversando conosco. Do assentamento Salgado à Barra do Leme se percorre uma distância de cinco

quilômetros, trajeto que fizemos apenas à noite, após a chegada de Inácio e o término do ensaio do grupo.

No assentamento “Salgado” também morava o irmão de Maria Nojosa, conhecido pelo nome de João Nojosa. Obtivemos a informação que o mesmo não concordava com as noções sobre agroecologia¹² propagadas por Inácio e Ivânia. Inácio nos informou da existência de três assentamentos muito próximos uns dos outros: o “Macaco” (próximo à casa de Maria Nojosa), “Barra do Leme” e o “Salgado”. Quando chegava algum visitante, moradores desses assentamentos dificultavam a sua chegada ao outro assentamento, pois, temiam a chegada de projetos favorecedores dos assentamentos procurados. Ficamos duvidando se realmente a distância que nos informaram até a Barra do Leme era verídica. Estranhamos Maria Nojosa não conhecer Inácio e Ivânia, já que o irmão dela morava no “Salgado”.

Ficamos à tarde na casa de Margarida, participante do grupo. Encontramos outros pesquisadores que também estudavam o grupo artístico da Barra do Leme. Eram três, mas consegui gravar entrevista apenas com dois dos pesquisadores: Altamar e Keli. Os três são integrantes do grupo de teatro conhecido pelo nome de “Nós de Teatro” e estavam fazendo a pesquisa, a fim de realizar um documentário. De acordo com Altamar, o “Arte e Cultura na Reforma Agrária” (projeto do INCRA-CE) está formando uma parceria com o “Nós de Teatro”, com o objetivo de realizar de uma pesquisa. Altamar revelou que também é técnico do INCRA-CE e faz acompanhamento pedagógico nos assentamentos participantes do “Ponto de Cultura”, posição favorecedora do contato do “Nós de Teatro” com o “Arte e Cultura na Reforma Agrária”.

¹² O conceito de agroecologia quer sistematizar todos os esforços em produzir uma proposta de agricultura que seja economicamente viável e ecologicamente sustentável; um modelo que seja o embrião de um novo jeito de relacionamento com a natureza, onde se protege a vida toda e toda a vida. Nesta visão se estabelece uma ética ecológica que implica no abandono de uma moral utilitarista e individualista e que postula a aceitação do princípio do destino universal dos bens da criação e a promoção da justiça e da solidariedade como valores indispensáveis.

De acordo com Keli, a intenção da pesquisa é pensar o “teatro da terra”. Perguntei sobre o que seria o “teatro da terra” e os mesmos disseram que saberia com mais profundidade com o resultado do documentário. Altamar adiantou:

O “Teatro da Terra” é o teatro produzido nas zonas rurais, no campo. O teatro que é feito na terra tem suas necessidades específicas e não tem tanta a influência urbana no pensar. Têm necessidades específicas e precisa de uma demanda específica.

Fiquei sabendo que escolheram apenas o assentamento “Barra do Leme” para a realização da pesquisa e perguntei o motivo. Altamar respondeu:

Escolhamos a Barra do Leme por perceber que eles não se rotulam, por exemplo, pra fazer um texto cada um produz alguma coisa, todo mundo se junta e faz um texto da peça e em relação à direção, não tem a figura do diretor, não tem a figura que está lá para orientar. Cada um vai se orientando e eles tratam muito intimamente a relação com a terra, com a ecologia e a gente viu essa diferença em relação aos outros assentamentos.

Nós pesquisadores, assistimos ao ensaio da peça e tiramos fotos. A peça contava com a participação de crianças, jovens e adultos. Obtive a informação através de Maíra, participante do grupo, da existência de vinte e cinco pessoas no grupo. Muitos percorreram a distância de “Barra do Leme” ao “Salgado” para participar do ensaio. Inicialmente, tocaram instrumentos musicais, depois, através de brincadeiras descontraídas, começaram a ensaiar.



Caminhando, conversando e cantando, numa noite de lua crescente, fomos nós, os participantes do “Nós de Teatro” e os moradores para o assentamento “Barra do Leme”. Ao chegarmos, eu e Marcílio acampamos perto de uma casa onde os moradores utilizavam para fazer comida.

Pela manhã, conhecemos três pessoas que moravam no assentamento, mas que eram da cidade. Os três eram jovens com ideais “libertários”, inspirados no anarquismo do século XX¹³. Henrique, vinte anos, morava na cidade de Fortaleza, veio para “Barra do Leme” de bicicleta, a fim de conhecer o grupo e passou a morar no assentamento em companhia de Inácio e Ivânia. Há um ano é participante do grupo artístico. Perguntei sobre o motivo que o levou à “Barra do Leme” e o mesmo respondeu:

Conheci o grupo Caricatura através do Inácio. A gente tem uma visão anticapitalista e a gente tenta construir algo novo dentro dessa sociedade capitalista. Vim para cá para participar dos ensaios e gostei da visão do campo que eles têm, dessa visão ecológica, dessa preocupação com as queimadas, com os desmatamentos, com a forma ambiental. Para tirar aquele costume de quando o homem explorava a natureza ao entrar em contato com ela. Comecei a conviver no dia-a-dia com o grupo. A gente também ta construindo alguma coisa juntos: uma plantação. O que a gente ta buscando é essa conexão com a terra.

As outras duas pessoas que estavam lá eram um casal com um filho recém- nascido. O rapaz é conhecido pelo apelido de “Pereba” e veio do Rio Grande do Sul passar um tempo em “Barra do Leme”; a moça, que veio junto com Pereba, era de Cuiabá. Ambos, conheceram Inácio e Ivânia na viagem de Fortaleza à

¹³ A palavra anarquismo tem origem no termo grego *ánarkhos*, cujo significado é, aproximadamente, "sem governo". O anarquismo é freqüentemente apontado como uma ideologia negadora dos valores sociais e políticos prevaletentes no mundo moderno: o Estado laico, a lei, a ordem, a religião, a propriedade privada etc. O anarquismo defende a ruptura com todas as formas de autoridade política e religiosa, a propriedade privada e quaisquer outros tipos de normas institucionais que cerceiem a liberdade do indivíduo em sociedade e na esfera da vida privada. No Brasil, a ideologia anarquista foi introduzida pelos imigrantes europeus, principalmente os italianos e espanhóis. Os anarquistas foram os responsáveis pela organização dos primeiros movimentos operários e sindicatos trabalhistas autônomos. Eles lideraram as greves de 1917, 1918 e 1919, ocorridas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Argentina, realizada de bicicleta. Mediante conversas, ficamos sabendo que muitas pessoas de Fortaleza e outros estados visitam Inácio e Ivânia. A maioria delas, preocupada com a preservação do meio ambiente.

Tomei café da manhã e andei pelo assentamento, a fim de conhecer as paisagens naturais e as pessoas. Inácio mostrou a vegetação, as mudas e as plantas que trouxeram de outros lugares. Mostraram um lugar devastado por queimadas e que ambos fizeram plantações que floresceram. Apesar de ouvirem os moradores reclamando, afirmando que as plantações não iriam vingar, Inácio e Ivânia persistiram e atualmente cultivam diversas plantas que frutificam nesse local. Durante a viagem à Argentina, o casal trouxe sementes de vários lugares, possibilitando a criação de diversas espécies de plantas.

A maioria dos moradores do assentamento “Barra do Leme” não planta, cria bovinos e caprinos. Para a criação desses animais queimam a vegetação, a fim de formar pastos. Inácio e Ivânia não querem criar animais, mas plantar para a sua subsistência no assentamento. Essa atitude gera conflitos entre os que querem queimar a vegetação e os que querem cultivar as terras sem queimadas. Segundo Ivânia, quando realizam as queimadas o solo fica empobrecido, dificultando o florescimento das plantas.



FIGURA - 10 Inácio mostrando as propriedades das plantas. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.



FIGURA - 11 Inácio e Ivânia cultivando a vegetação. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.



FIGURA – 12 As mudas. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.

Conversei com algumas pessoas do assentamento para saber a história daquele lugar, para entender como eles chegaram ali e como foi o processo até morarem na antiga fazenda “Barra do Leme”. Raimunda, 49 anos, contou que eram treze pessoas, sendo cinco crianças, ou seja, apenas oito adultos. De acordo com Raimunda, três deles foram embora e ficaram cinco adultos, entre os cinco está Inácio, Ivânia e Raimunda. As outras famílias chegaram depois da ocupação. Abaixo, depoimento de Raimunda sobre o processo de ocupação da terra:

Estou no assentamento Barra do Leme há quatorze anos. (...) morava na região do sertão central, (...) precisava de uma terra e ficamos sabendo de uma área desapropriada, a gente começou a articular, então a gente ocupou. Só que quando a gente ocupou o fazendeiro fez um inventário e ficou impossibilitado de ser desapropriado. Então a gente formou uma equipe e foi no INCRA, colocamos a situação. A gente ficou sabendo dessa terra aqui. Chegamos no dia 08 de outubro de 1995. A gente não era de um nenhum movimento, a gente queria a terra. Quando a gente quis ocupar, (...) o MST disse que ia com a gente, mas tinha que levantar a bandeira. Então a gente disse não e deixa pra lá, vamos só. Eram treze pessoas. A gente alardeava para todo mundo que era oitenta pessoas, mas na verdade não eram. (...) A gente ocupou perto do açude, debaixo de lona e na hora que estava cortando a madeira para fazer o cerco, chegou umas dez pessoas: a polícia, o gerente, o neto do dono da fazenda. Aí a gente começou a cantar, bater em panela e balde para atordoar eles. Eles ficaram sem saber quantas pessoas eram na realidade e de lá do cerco eles voltaram. Quando chegou o caminhão do INCRA e viram só as treze pessoas, disseram: vocês são muito doidos, assombraram o INCRA dizendo que eram oitenta pessoas. O fazendeiro não veio aqui porque não quis, se tivesse vindo aqui vocês tinham saído.

Por volta das 10:30 horas, os integrantes do grupo “Nós de Teatro” realizaram uma reunião, que iniciou com uma dinâmica para descontrair. Em seguida, Altamar continuou levantando algumas questões sobre a direção e a função do diretor em um espetáculo teatral. A dinâmica se desenrolou de maneira espontânea em torno do conceito de “poder” discutido exaustivamente entre os integrantes do grupo, ou seja, no final da dinâmica percebi que o “diretor” poderia se tornar uma figura de opressão para os participantes da reunião. Acredito que Altamar tenha pensado nessas questões, pelo fato do grupo não possuir um diretor. Após o término das discussões, Altamar pediu que todos escrevessem um texto expressando suas idéias em relação ao que havia sido discutido e o entregassem em um outro momento. Abaixo, entrevista com Marcos, 19 anos, narrando como pensa a maioria dos integrantes do grupo e como refletiu sobre o que foi discutido na reunião:

Estou no grupo desde o começo. A gente ver isso: todo mundo tem a capacidade de construir alguma coisa e quando fica na figura do diretor nós vamos ser comandado, não vamos poder dar a opinião, nós vamos ficar vetado. Dificilmente a gente escreve um texto para peça. Cada um dá uma idéia e a gente vai encenando e se vai dando certo, vai ficando. Cada um cria. Quando vem a inspiração a pessoa dá a opinião e fica na peça quando é consenso. A partir de uma discussão a gente forma uma peça e sempre fazemos discussões. No começo a gente brincava e começou a surgir a discussão sobre o porquê alguns brincavam e outros preferiam ficar em

frente a televisão. No nosso grupo as discussões são feitas em rodada e cada um dá a opinião e por menor que seja a pessoa, ela opina, por isso tem a participação de cada um na peça.



FIGURA – 13 Momento de discutir conceitos. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009



FIGURA – 14 Dinâmicas. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 15 Pessoas de todas as idades participa do “Caricultura”.Foto: Ana C. Santos, 2009

Fomos todos almoçar, fiquei sabendo que iria ocorrer uma assembleia no assentamento Salgado no início da noite. Nela, iriam ser discutidos os problemas dos assentamentos. Dirigimo-nos à assembléia, mas não conseguimos chegar a tempo para assisti-la, pois o caminho é longo e tivemos que percorrê-lo andando, por isso, quando chegamos, ela estava no final. Mas, realizamos algumas entrevistas, indagando o que significa para o grupo artístico e os moradores do assentamento o pensamento agroecológico, pois percebi que dentro do assentamento essa questão é um ponto de conflito e, também, o principal tema discutido no grupo. Procurei averiguar as opiniões discordantes sobre as práticas artísticas e não encontrei pessoas que tivessem uma visão negativa sobre elas.

Deparei-me com a dificuldade em falar com pessoas que não concordavam com a questão da preservação ecológica. Valdir, 50 anos, informou que no assentamento moravam vinte famílias e apenas umas seis pessoas não concordavam com o sistema de preservação do meio ambiente, pois queriam a continuação das queimadas. Eis as respostas de Valdir sobre as queimadas e sobre o grupo artístico:

Estou na Barra do Leme há dez anos. Eu vim do assentamento Macaco para cá. Aqui é mais bem organizado, o pessoal tem mais união. Falta o ganho, mas aqui é tranquilo e calmo. Nós tivemos debates nas assembléias e estávamos pensando num jeito da gente plantar sem queimar. Eu acho

que isso é possível. Onde o fogo passa acaba com tudo.(...) O grupo é bom, meu menino faz parte. Bom para o desenvolvimento das crianças e para mim também, porque é bom olhar os meninos brincando.

Falei com Raimunda, 49 anos, sobre essas questões e ela não concorda que a vegetação não deva ser queimada. Raimunda expressa também sua percepção sobre o grupo:

Talvez possa existir um método que a gente possa criar sem queimadas, mas eu acho isso impossível ainda. Não sou contra ao trabalho ecológico que Inácio e Ivânia tão usando. Em oitenta e cinco eu fiz parte de um curso de agro-ecologia no sertão central em Quixeramobim. Nessa época a gente praticava algumas coisas, só que hoje eu não sei bem como é o método que as pessoas tão usando. Eu acho difícil a gente entrar numa mata e produzir sem queimar, sem cortar. Quando você planta tenha certeza que vai tirar o mato. Dentro do garrancho quem é que vai fazer. Acho que é difícil. Pode ser que eu trabalhe dessa forma um dia. O Inácio e a Ivânia pensam uma coisa, mas na prática é difícil. (...) Eu acho legal o grupo, porque daqui acolá tira as crianças da televisão, melhorou um pouco para as crianças. O assentamento aqui são duas associações. É um assentamento só com duas associações. Aqui é mais desenvolvido, por exemplo, o teatro desinibe as crianças.

Vângela 28 anos, recém-chegada ao grupo, narrou a sua vinda ao assentamento, expressando também, sua opinião sobre o grupo e a questão ambiental:

Estou no assentamento há treze anos. Primeiramente a Ivânia veio, a gente conversou com ela e veio para cá. O grupo é muito importante na comunidade para as crianças e jovens (...) traz alegria, porque a gente tá junto e unidos. (...) A questão ecológica é muito importante, a gente vem debatendo muito sobre isso. O pessoal que (sic) tá desmatando e queimando está acabando com a vida na terra.

Maíra, 19 anos, componente do grupo artístico, informou que após seis anos de mobilização do grupo, por meio de seminários, apenas esse ano houve uma grande discussão na assembleia com a comunidade sobre as queimadas. Alguns queriam continuar realizando as queimadas, mas o grupo continuou brigando para a sua completa eliminação. De acordo com Maíra, o INCRA-CE tomou medidas para

dificultar as queimadas no assentamento e, por isso, os moradores do assentamento foram estimulados a não queimar a vegetação da caatinga¹⁴. O grupo artístico do assentamento tem servido como “fiscal” do meio ambiente. Segundo Maíra, quem não procurar outras formas alternativas de trabalhar a terra, não poderá continuar vivendo no campo, pois a agricultura tradicional não tem mais espaço no meio rural.



FIGURA – 16 O pôr do sol na vegetação caatinga. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.

Por volta de nove horas da noite, o “Nós de teatro” mobilizou mais uma reunião, tentando levantar reflexões sobre palavras ditas na peça. Os integrantes do grupo demonstravam estarem cansados e sem vontade de ficar sentados discutindo, Mas Altamar insistiu e perguntou ao grupo o que significava a palavra “estrutura” e as respostas foram: “eu sei o que é, mas não sei explicar”; “estrutura é a dominação igual ao que o diretor exerce sobre as pessoas nos grupos de teatro”. Então, Altamar separou os componentes em grupos de cinco e pediu que mediante representações teatrais expressassem seus pensamentos a respeito do grupo. As crianças, os

¹⁴ A Caatinga é o principal ecossistema da Região Nordeste, onde predomina os climas semi-áridos. Ocupa uma área de 73.683,649 hectares (6,83% do território nacional) abrangendo os Estados da Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Alagoas, Maranhão e Minas Gerais. O termo Caatinga é originário do tupi guarani e significa “mata branca”. De acordo com o IBGE, 27 milhões de pessoas vivem atualmente no polígono da secas. A extração de madeira, a monocultura da cana de açúcar e a pecuária nas grandes propriedades (latifúndios) alteraram drasticamente a Caatinga. Aproximadamente 80% dos ecossistemas originais já foram ocupados e alterados pelo o homem. Várias espécies de animais vivem pressionadas pela destruição do habitat e pela apanha ilegal. Fonte: Manual de Educação: Consumo Sustentável, Brasília 2002.

adolescentes e os adultos deram respostas, através das encenações, criativas e engraçadas, mostrando serem desinibidos e bons atores. Abaixo, fotos da reunião e da encenação.



FIGURA – 17 Reunião. Foto: Ana C. Santos, 2009.



FIGURA – 18 Apresentações. Foto: Ana C. Santos, 2009

O grupo Caricatura se mostrou aberto a sugestões, mas resistente quanto à intervenção de pessoas externas que desejassem modificar a estrutura inicial do grupo, no qual não existe diretor e todos expõem suas sugestões a respeito da formação e construção das produções artísticas. Como Altamar percebeu:

A gente está aqui pensando a autonomia. Dentro do grupo tem uma coisa que a gente acha que é muito forte é essa história da autonomia. (...) Eles recebem o que vem de fora, mas não se influenciam, eles não se apropriam, eles avaliam o que está sendo recebido para saber qual bem eles tiram para o seu pensar, o seu produzir. Eles têm essa consciência de não se deixar levar pelas coisas.

Conversamos, ainda, com algumas pessoas sobre o grupo. Gravei mais algumas entrevistas e no outro dia, retornamos à Fortaleza, mas combinamos de voltar no final do mês de janeiro, pois haveria uma festa de aniversário e nos convidaram a participar. Assim, como em Carnafístula, fomos bem recebidos em “Barra do Leme”.

2. O SURGIMENTO DO GRUPO “CARICULTURA”: REFLEXÕES SOBRE A ARTE NO COTIDIANO DO SERTÃO CEARENSE

Para Leitão “o social se estetiza quando a arte torna-se um indicador da maneira como o homem se relaciona com o mundo”. (LEITÃO,1997,p. 149), A autora cita duas maneiras distintas de perceber o mundo, representada através das artes. A maneira oriental e ocidental. Segundo Leitão, “o homem ocidental buscou quase sempre a distinção ao invés da união dos contrários, a hierarquia ao invés da integração, a univocidade ao invés do pluralismo, a verdade ao invés da relatividade.” (LEITÃO,1997,p.149) Diferentemente é a estética japonesa que se funde com a natureza e não separa a vida da arte, ampliando uma intimidade com o todo.

Henriques (2000) cita o livro shintoísta¹⁵ tratando da mitologia japonesa, onde os deuses são representados pelas forças da natureza: “Diz o livro que da trindade primordial nascem duas divindades: Izanagi (céu) e Izanami (terra), que mesmo sendo irmãos se tornam amantes, dando origem a outros deuses e às ilhas do Japão”. (HENRIQUES, 2000, p. 40) Essa citação mitológica explica o surgimento do Japão e demonstra esse aspecto, no qual a cultura está conectada com a natureza. O céu, a terra e os homens estão relacionados. O ying e yang¹⁶ é outro exemplo da cultura oriental onde se cultiva a união dos opostos e onde não existe a separação entre as coisas, mas sua complementariedade.

A expressão artística ocidental possui a característica de objetivar-se, se distanciando da vida e da vivência comunitária, tornando-se assim, objeto inacessível. O artista aparece como ser dotado de capacidades especiais e divulgador do “conhecimento da verdadeira arte”. Leitão (idem) expõe sobre a estética ocidental:

A estética moderna não abandona seu caráter moralista no que se refere ao modo de objetivar a sua arte. Seja através da rigidez das fronteiras entre forma e conteúdo da obra de arte, seja a serviço do perigo capitalista de alienação do homem pelos objetos, ou, ainda, submetida ao hedonismo do ideal “burguês” de beleza, esta estética tem sido historicamente marcada pelo o medo obsessivo de que a criatura possa finalmente superar o seu criador. (LEITÃO, 1997, p.160)

Leitão (2009) expõe que o papel das Políticas Culturais, é pensar um desenvolvimento entrelaçado no relacionamento de homens e mulheres com seu território, a partir dos seus imaginários. A autora cita que a origem da palavra “cultura” que vem da expressão “cultivo”, ou seja, relação analógica com significados de plantio e agricultura, na qual exige tempo e envolvimento necessário daqueles que cultivam e do que é cultivado. De acordo com Leitão:

¹⁵ Shintoísmo ou shintô (caminho dos deuses) é o nome que se dá aos cultos religiosos originários dos primórdios da história japonesa.

¹⁶ Ying yang representam a bipolaridade em que o universo se divide: homem/mulher; dia/noite; espírito/matéria; consciente/inconsciente; grande/pequeno.

Ao longo do século XX, nossa inteligência mecanicista, compartimentada e reducionista bradou aos quatro ventos sua racionalidade como único instrumento de transformação do mundo. No afã de criarmos e de descrevermos sistemas, abdicamos da vida real. Ao desprezarmos as anomias, perdemos a capacidade de percepção, de ampliação do nosso “estar no mundo”. Voltemos, portanto, à tensão desenvolvimento/envolvimento, considerando pólos entre os quais estão incluídas vivência em diversos campos, inclusive o das responsabilidades sociais. (LEITÃO, p. 37, 2009)

No grupo artístico do assentamento “Barra do Leme”, o fazer artístico estetiza a existência. A arte surge como “forma de vida”, permitindo aos indivíduos a sustentação de sociabilidades ritualizadas no cotidiano do grupo, integrando a comunidade, fornecendo um “prazer de viver com o outro”. As pessoas comungam dos mesmos problemas e das mesmas questões e as vivenciam por meio das expressões artísticas. Assim, a arte aparece como referência simbólica, concreta e espontânea da realidade, tornando-se meio de transmissão de conhecimentos.

2.1 O Grupo “Caricultura” entre a Tradição e a Modernidade

Em um dos momentos de interação no assentamento “Barra do Leme”, Inácio convidou um adolescente a participar de uma oficina cultural de prática de xilogravura e caricatura. O adolescente se interessou e perguntou quando ocorreria a oficina: “quando vai ser a próxima oficina do “Caricultura”? Misturando caricatura com cultura, o grupo surgiu há sete anos, por meio de iniciativas de Inácio e Ivânia. De acordo com as entrevistas, o “Caricultura” começou de forma espontânea, ou seja, eles não possuíam a intenção inicial de formar um grupo artístico, mas “tirar as crianças da frente da televisão”, como conta Ivânia:

Quando a gente foi para Acarape às crianças do assentamento eram bem pequeninhas e brincavam (...) nos terreiros. Passamos três anos no Acarape, (um assentamento que ajudaram a lutar por ele) e quando voltamos pensamos em passar no assentamento de passagem porque já

estávamos com planos de ir para a Argentina de bicicleta (...) Quando a gente voltou pra Pentecoste se deparou com uma realidade muito triste: as crianças todas na televisão. Quando a gente saiu para Acarape, no assentamento todo, só havia duas televisões. Três anos rapidinho entrou dinheiro no assentamento, através de projetos e quando voltamos do Acarape todas as casas tinham televisão. Então dava à noite todas as crianças estava na televisão, todo mundo. A gente entrava saía, não tinha com quem conversar, não tinha com quem brincar e aí a gente começou a brincar com a criançada. (...) Brincar de roda, de correr, pega-pega e aí as outras crianças foram saindo da novela e foram brincando. (...) e aí de tanto brincar foram surgindo muitas histórias, lembrando... (...) Eram historinhas de roda, de conto de fada, histórias que eu ouvia histórias do sertão. (...) e espontaneamente começava a (...) conversar e dessas conversas começaram a perguntar (...) como era a nossa vida antes? Como é que a gente chegou aqui? (...) Os pais trabalhavam e não tinha terra, trabalhava (...) e passava muita fome, (...). Então eles queriam dizer isso para os pais e para a comunidade em geral e não sabiam como. Alguém deu a idéia: Porque a gente não conta essa história todinha no teatro? Mas ninguém sabe fazer teatro, ninguém nunca fez, mas teatro a gente inventa.

Observei, em entrevistas que fiz ao casal, uma resistência em relação às mudanças culturais produzidas pelo modo de vida da sociedade contemporânea. Novas tecnologias e alterações ocasionadas por recursos tecnológicos com a finalidade de trazer um melhor conforto parecem não atrair Inácio e Ivânia. Em minha visita à residência do casal, observei que moravam numa casa de taipa, sem eletricidade e quase sem móveis. Dentro da casa, havia um banco feito com tronco de árvore, um fogão a lenha, algumas panelas de barro e uma rede. No entanto, em torno da casa havia uma grande variedade de plantas de varias regiões do país. Na ocasião de nossa visita, no final do mês de dezembro de 2009, reparei que, apenas no terreno onde ficava a casa de Inácio e Ivânia, podíamos encontrar o cultivo de plantas. Observei também, as moradias dos outros moradores serem de alvenaria, com móveis e aparelhos eletrodomésticos. Conversando com outros moradores do assentamento sobre os recentes avanços tecnológicos, tive a oportunidade de constatar que seus pensamentos se assemelhavam às críticas de Ivânia. Raimunda, 49 anos, moradora do assentamento, teme que a prática de assistir à televisão modifique o costume de cultivar as terras, como expõe abaixo:

As crianças de hoje possuem a cultura do amanhã e complica. Se você deixar até o prato de comida é em frente à televisão e não se dedicam a nada (...). Eles não querem mais trabalhar no campo de maneira nenhuma(...). Eu nasci e me criei trabalhando no campo. Comecei a trabalhar desde cedo pegando no pesado. Era bem diferente a criação da

gente. O que a gente tinha nessa época era um rádio a pilha, por que não existia energia elétrica. Quando eu era criança, não era como hoje que quando quer um cuscuz vai na bodega comprar. A gente tinha que botar o milho de molho para moer. O arroz tinha que plantar para poder comer, se fosse o café você tinha que torrar para poder tomar. Eu não acho errado a gente ter eletrodomésticos, mas o que acho pior é o vício da criança. Onde tem uma televisão, um vídeo game, empata as crianças trabalharem a terra. (...) A tecnologia vai avançando e a gente vai se acostumando e eu não acho isso legal. Acho legal a gente produzir, isso é legal.

De Certeau (1990), questiona sobre o enigma do “consumidor- esfinge”, perguntando: o que ele fabrica com as imagens e horas passadas em frente aos programas televisivos? O que fazem com isso? Para o autor, uma criança que rabisca o livro escolar ganha um espaço, assina sua existência de autor. O telespectador não assina coisa alguma na tela, havendo um distanciamento do uso que se faz. Raimunda não gosta da idéia de se “acostumar”, ou seja, do não fabricar e do não fazer.

Equiparo o elemento “terra” descrito por Bachelard (1991) à resistência para impor as vontades, presente em alguns “trabalhadores da terra”. Para Bachelard (idem), a terra tem como primeira característica a resistência e os objetos da terra nos devolvem o eco de nossa promessa de energia, ou seja, o trabalho realizado na matéria desperta em nós um narcisismo de nossa coragem, e deixa explícitas as vontades, a partir das matérias trabalhadas pela mão do homem, impulsionando-nos para fora do ser. O impulso, a energia do trabalho realizado diretamente na matéria, realiza uma promoção do ser, isto é, o trabalhador se integra com a matéria e se realiza na síntese, no resultado da luta. Aproximo essa análise de Bachelard da situação descrita por Ivânia, em que o camponês perde a relação de trabalho sobre a matéria, para adquirir objetos, preferindo os que são oferecidos prontos pelo mercado. Assim ela revela:

Qualquer agricultor sabia que para viver em cima da terra era para plantar batata, plantar o feijão, plantar e comer. (...). Ele tirava tudo da terra. Fazia telha, fazia casa de reboco. (...). Não eram sugeridas para ele outras coisas. Com a entrada do capitalismo no campo, outras necessidades se confundem na vivência do agricultor. Entra outras necessidades que não é

mais da comida, não é mais pegar numa viola despretensiosamente e fazer uma canção. Juntar no final da colheita e fazer a festa da colheita e todo mundo despretensiosamente senta e roda em torno do feijão, para debulhar contar história (...) Os camponeses já não podem fazer opção. Ele foi despossuído dos saberes de produzir seu alimento, de produzir seu medicamento, de produzir sua casa, (...), isso tudo pela dinâmica do dinheiro (...). No lugar de ouvir o cantador cantar uma moda de viola bota o CD no DVD.

Nesse contexto, Candido (1977) traz a relação entre os valores tradicionais dos caipiras paulistas em detrimento às influências urbanas, ou seja, aborda a complexa relação entre valores antigos e os novos absorvidos pelos indivíduos. De acordo com o autor:

Todas as vezes que os indivíduos e os grupos se encontram em presença de novos valores, propostos ao seu comportamento e à sua concepção do mundo, podem teoricamente ocorrer três soluções: os valores são rejeitados e os antigos mantidos na íntegra; os valores são aceitos em bloco, e os antigos rejeitados; os valores antigos se combinam aos novos em proporções variáveis. É o que se observa nos contatos culturais, decorrendo na mesma ordem, as seguintes conseqüências: enquistamento; desorganização; aculturação.(CANDIDO, 1997, p.200)

Raimunda, assim como Ivânia, demonstra preocupação em preservar a cultura tradicional do campo, na qual, trabalhadores e trabalhadoras do campo cultivam a terra. Mas, de acordo com a entrevista, Raimunda não rejeita os bens de consumo que o progresso econômico traz. Pensando com as palavras de Candido, posso supor que Raimunda passou por um processo de aculturação, pois se adaptou às mudanças que o progresso econômico apresentou aos seus antigos padrões de vida. Ao se preocupar com o trabalho de cultivo na terra, demonstra uma defesa dos padrões tradicionais, enquadrando assim, a nova situação à antiga.

2.2.O grupo “Caricultura” e a indústria cultural: significados de resistência

O “Caricultura” surgiu no assentamento de uma maneira espontânea, mas nas trajetórias sociais do grupo, a arte aparece como uma necessidade de expressão objetivando a resistência da cultura no campo. Perguntei sobre o envolvimento dos adultos do grupo com partidos políticos, movimentos sociais ou movimentos religiosos e a resposta foi a de que o único movimento do qual participam é o de resistência na terra. Observei em minhas investigações a disposição deles para o diálogo com tendências diversas, mas resistem quanto às intervenções que os possam institucionalizar, ou seja, a interferências contrárias à forma espontânea com que se organizam e atuam. Para eles, autonomia está sempre na pauta do dia de suas atividades. Essa forma de vivência é que mostra os processos de luta que levam a enxergá-los como um grupo de resistência no campo.

O objetivo do grupo “Caricultura” é possibilitar a união e a luta dos trabalhadores e trabalhadoras do campo em relação aos seus cotidianos (principalmente em momentos difíceis como a seca) e ao distanciamento das suas tradições, assim como a preservação do meio ambiente. Como esclarece Inácio:

Essas formas de expressão cultural são formas que a gente tem para veicular um pensamento com atuação, uma atuação de luta. As formas de expressão artísticas, a gente já tinha a literatura de cordel, xilogravura, um pouco de música. O que a gente exercitou pouco foi o teatro. É mais a música, a canção, a literatura de cordel. É interessante que essas formas vão surgir nos momentos difíceis de resistência. (...) Você vai encontrar esse fortalecimento nas formas de expressão lúdica. Você não sabe como falar, então surge peças de teatro.

Para Bachelard, “tudo começa somente para aquele que sabe ser espontaneamente espontâneo” (BACHELARD, 1991, p.147) e foi de forma espontânea, por meio das brincadeiras, do estímulo de sensações, isto é, a partir da capacidade de aguçar os sentidos, para perceber as emoções, que nasceu a vontade de fazer teatro. Como Inácio expõe, “a arte não é propriedade de uma indústria cultural. Ela brota a partir de um estímulo, de uma animação”. A palavra “animação” no seu sentido etimológico significa ato ou efeito de animar, dar vida,

infundir, ânimo, valor e energia. Tem origem na palavra latina *anima* que significa princípio vital, sopro, alma¹⁷ Portanto, “a arte de animar” possibilitou “o parto dos artistas”. A arte aparece como necessidade de expressão, a partir da percepção do cotidiano. Como afirma Inácio:

As músicas era uma forma que a gente utilizava pra animar. Então imagina essas pessoas são carentes de tudo. Eles são famintos não só de pão, mas também de cultura, de expressão. Elas querem se expressar e nisso elas foram muito despossuídas, despropiadas das suas formas naturais de ser. Então ela vai se reencontrando, se revalorizando.

Segundo Barroso (2005), na metade do século XX com a inserção dos meios de transporte e comunicação no campo, as manifestações artísticas camponesas adentraram no universo do mercado capitalista que os colocou sob exigências, que muitas vezes, distorcia a cultura no campo, imputando-lhe valores e gostos diferentes ao seu meio cultural. Como expõe Inácio:

Quando o capitalismo entrou no campo ele criou especialista, ele criou o artista, ele criou a estrela e não existe estrela, entende? Todo mundo é estrela, todo mundo é capaz. Cada um que tava participando daquela reunião fez um texto digno de uma música que não perde pra nenhuma das eruditas, entende? Pessoas do campo, crianças, adolescentes, não perde.

Santos (2000) expressa que nos lugares geográficos se estabelecem forças contraditórias: àqueles que visam o estabelecimento da cultura de massa e os que são afetados e desejam uma situação diferente:

É que no local tem-se a obediência e a revolta. Há sempre as duas coisas. Evidente que há a cultura de massa, que está presente em toda parte, mas existe também a cultura popular que renasce a cada momento, porque há uma produção de pobreza permanente. (...). O lugar geográfico é também o lugar filosófico da descoberta, porque nele se batem forças contraditórias. Há, de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e há todos os demais, mais ou menos afetados por uma situação que desejam modificar. (SANTOS, 2000 p.63,64)

¹⁷ Disponível em <http://brincarte.blogspot.com/2004/11/palavra-animao-no-seu-sentido.html>

De Certeau (1990) cita o questionado “sucesso” na conquista que os colonizadores espanhóis tiveram perante os indígenas, uma vez que os mesmos rejeitavam e subvertiam as leis, os rituais, por meio de práticas cotidianas que modificavam a maneira de usar o sistema da qual não podiam fugir. Para o autor, essas “maneiras de fazer” constituem uma “reapropriação” dos usuários do sistema, do espaço organizado pela produção sócio-cultural. São trilhas para impor outros desejos que não são determinados pelos sistemas, ou seja, o grupo “Caricultura” não fica embotado pela cultura de massa¹⁸, mas modifica seu espaço colocando o seu desejo, a sua vontade de fazer algo diferente e utiliza a arte para isso. Abaixo, frase do grupo, expressando o desejo de ocupar os espaços públicos e mostrar os seus pensamentos e emoções, através da arte do teatro.



FIGURA – 19 Frase do grupo. Foto Ana C. dos Santos, 2009

2.3. O Grupo “Caricultura” e o teatro “libertário”

A arte tem uma faceta revolucionária por não se submeter à racionalidade, podendo expressar-se a partir de metáforas, de símbolos, ou seja, a linguagem artística não tem compromisso com a objetividade. É uma forma de expressão dos sentidos e, dessa maneira, alcança as subjetividades, uma vez que revela outras

¹⁸ Chama-se “cultura de massa”, toda cultura produzida para a população em geral — a despeito de heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas — e veiculada pelos meios de comunicação de massa. Cultura de massa é toda manifestação cultural produzida para o conjunto das camadas mais numerosas da população; o povo, o grande público.

dimensões, produzindo sensações muitas vezes incomunicáveis. Como expõe Eliade:

o homem não se sente enclausurado em seu próprio modo de existir. Também ele é “aberto”. Ele se comunica com o Mundo porque utiliza a mesma linguagem: o símbolo. Se o mundo lhe fala através de suas estrelas, suas plantas e seus animais, seus rios e suas pedras, suas estações e suas noites, o homem lhe responde por meio de seus sonhos e de sua vida imaginativa. (ELIADE, 2007, p. 126)

Para Marcuse (1977), o artista devolve à sociedade a ação que ela exerce sobre ele e ao abrir outra dimensão, expõe coisas que não são percebidas na vida cotidiana. Para o autor, o artista pode capturar toda a amargura e horror, todo desprezo e tristeza da realidade, e converter tudo isso de uma forma revolucionária em beleza, graças à forma artística.

Jung¹⁹, por meio de suas investigações, nos diz que a linguagem simbólica da consciência, não dialoga com o inconsciente. Somente os símbolos são capazes de expressar a linguagem do inconsciente. Os trabalhos artísticos, por outro lado, têm a função de revelar aspectos do comportamento do indivíduo, constituindo uma possibilidade de manifestação do inconsciente coletivo²⁰.

A vontade consciente não pode alcançar uma tal unidade simbólica, uma vez que a consciência, nesse caso, é apenas uma das partes. Seu opositor é o inconsciente coletivo, que não compreende a linguagem simbólica da consciência. (...) Só através do símbolo o inconsciente pode ser atingido e expresso. (JUNG, 1983, p. 44)

No depoimento de Marcos, 19 anos, integrante do “Caricultura”, observamos a força simbólica proposta por Jung presente na manifestação artística :

¹⁹ Carl Gustav Jung (1875-1961) psiquiatra suíço, percebeu que a compreensão da criação de símbolos era crucial para o entendimento da natureza humana. Ele então, explorou as correspondências entre os símbolos que surgem nas lutas da vida dos indivíduos e as imagens simbólicas religiosas subjacentes, sistemas mitológicos, e mágicos de muitas culturas e eras.

²⁰ “Inconsciente Coletivo”, segundo o conceito de psicologia analítica criada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, é a camada mais profunda da psique humana. Ele é constituído de imagens e idéias análogas que foram herdados da humanidade e são comuns a todos os seres humanos. A existência do inconsciente coletivo não é derivada de experiências individuais, tal como o inconsciente pessoal, trabalhado por Freud, embora precise de experiências reais para poder se manifestar. Tais traços funcionais do inconsciente coletivo foram chamados por Jung de *arquetipos*.

Quando estou apresentando é mágico, muitas pessoas disseram que eu me transformo, sou outro. Quando pinto o rosto com a maquiagem, acho mágico, me transformo nem eu entendo o que acontece. Eu não consigo ser do jeito que estou aqui para do jeito que fico quando estou mascarado, não consigo explicar.

Quando fui a Canindé assistir a apresentação do “Caricultura”, tive a oportunidade de observar, através do olhar de cientista social, as mudanças que os personagens, as roupas e as máscaras provocavam nos integrantes do grupo. Consegui perceber as transformações ao sentir-me tocada pela apresentação. No final, fui com o grupo para o local onde estavam hospedados. Assim, tive a oportunidade de observá-los sem os personagens e entendi, nesse momento, o quanto o teatro é capaz de modificar o ser humano, provocando-lhe diversas “personas” e as inúmeras teatralidades em seus cotidianos.

A origem do teatro está entrelaçada a *Dioniso*, o deus grego do teatro, da vegetação e das metamorfoses. De acordo com Brandão (2002), *Dioniso* é um deus essencialmente agrário, deus das potências geradoras. O culto a *Dioniso* punha em risco um estilo de vida e um universo de valores na polis de Atenas. Por isso, apesar de existir desde o século XIV a.C, *Dioniso* só aparecerá nos cultos da polis grega no século VI a.C, devido ao enfraquecimento militar e político. A origem da tragédia²¹ passa pelo drama satírico, ou seja, danças, mímicas e rituais em honra de *Dioniso*. Com o passar dos anos e com o aparecimento de outras divindades, ocupando o lugar de *Dionísio*, a tragédia acabara sofrendo modificações, transformando-se em formas teatrais diversas.

²¹ Tragédia é uma forma de drama, que se caracteriza pela sua seriedade e dignidade, frequentemente envolvendo um conflito entre uma personagem e algum poder de instância maior, como a lei, os deuses, o destino ou a sociedade. Suas origens são obscuras, mas é certamente derivada da rica poética e tradição religiosa da Grécia Antiga. Suas raízes podem ser rastreadas mais especificamente nos ditirambos, os cantos e danças em honra ao deus grego Dionísio (conhecido entre os romanos como Baco). Dizia-se que estas apresentações etilizadas e extáticas foram criadas pelos sátiros, seres meio bodes que cercavam Dionísio em suas orgias.

Um dos elementos básicos do culto a *Dioniso* é a transformação, ou seja, os homens e as mulheres são arrebatados do cotidiano²², através do êxtase atingido durante os rituais, possibilitando o rompimento com as regras sociais, políticas e religiosas. O êxtase era apenas uma parte do ritual. O “sair de si” implicava um mergulho no deus *Dioniso*, um mergulho nas forças do inconsciente. As mulheres que não possuíam representação política na polis, eram as que mais aderiam às festas dionisiacas. Segundo Brandão (idem), um deus tão libertário não poderia ser aceito em cidades tão patrilineares e tão religiosamente repressoras.

Outra característica do deus *Dionísio* é a multiplicidade de transformações internas e externas, representadas pelas máscaras e personagens do teatro. *Dioniso* está em todos os lugares, associa-se às divindades, anda entre os camponeses e a elite intelectual. A figura do deus *Dionísio* é parecida com a figura arquetípica do louco do tarô de Marselha, segundo Nichols (2007). O louco é um andarilho e por não ter um número fixo (representado pelo zero no tarô), está viajando, circulando por todos os lugares e diversos trunfos do tarô. É a figura que está entre dois mundos: o da imaginação e o da realidade. O louco aparece também como bobo da corte, fazendo uma caricatura²³ do rei (figura masculina que pode representar a ordem, as leis e a civilização).

Essas figuras permeiam o imaginário humano desde épocas antigas; elas passeiam, aparecem, desaparecem e se divertem com o estabelecido, com as

²² Entendendo o cotidiano a partir de Heller (1970), toda ação realizada pelos os homens funciona com o intuito de manter a organização da vida cotidiana. Dificilmente, as ações são tomadas com profunda reflexão, pois dessa forma destruiríamos a “ordem” da vida. Se fossemos refletir sobre cada uma das inúmeras atividades que realizamos a todo o momento, não conseguiríamos fazer nada. Por isso, a espontaneidade é imprescindível para o andamento da cotidianidade. Para a autora, nossas ações fazem parte da ação total da humanidade. Não é algo inteiramente novo, uma vez que construímos algo novo somente a partir do que já é dado. Porém, o pensamento da vida cotidiana tem que deixar margens para as mudanças e se isso não acontecesse estaríamos diante da alienação e essa alienação tem maior possibilidade de acontecer quando há o conformismo, isto é, quando os homens para evitar os conflitos, vivem simplesmente cumprindo seus papéis sociais.

²³ Poderíamos buscar conexões entre o grupo “Caricultura” e a expressão “caricatura”. Através da expressão artística e cultural, o grupo inverte o status quo, as estruturas tradicionais de poder.

regras e leis. São figuras maleáveis que não entram no conflito, pois não fazem parte do mundo real.

Quando fui a Canindé, pedi a Inácio os textos da peça do “Caricultura”. Inácio falou que ainda não as tinha escrito, pois cada integrante possuía a fala da peça decorada e criada por eles nos ensaios. Na peça, eles falam da degradação do meio ambiente pela mão humana, dos ventos, da água, do metal, do lixo, entre outras coisas. Lembro, no entanto, de um refrão da peça que fala: “arte, luta e cultura para cuspir na estrutura”. Nesse momento, os participantes tomam uma posição claramente política²⁴, ao se colocarem contra a estrutura vigente, ficando claro que eles não concordam com o que está sendo feito com o meio ambiente. Altamar compara a forma teatral do “Caricultura” ao “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal²⁵, como podemos observar:

A gente tá atrelando isso com o que a gente viu no Caricultura ao teatro do oprimido do Boal. O grupo Caricultura parte de uma história de autonomia imensa(...) Eu faço acompanhamento pedagógico nos grupos, é um olhar mais técnico, um olhar diferenciado. O olhar diferenciado que vejo é essa visão de esquerda, essa visão libertária.

O “Caricultura” não se vincula a partidos políticos ou grupos religiosos e nem demonstra interesse em seguir os parâmetros de qualquer escola tradicional de teatro. Em sua filosofia, encontramos influências de movimentos libertários, anarquistas, com o objetivo de não compartilhar os processos hierárquicos do

²⁴ Entendendo política, relacionada ao poder, ou seja, como forma de atividade humana. O poder político é o poder do homem sobre outro homem, descartados outros exercícios de poder, sobre a natureza ou os animais, por exemplo. Poder que tem sido tradicionalmente definido como "consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem" (Hobbes) ou, como "conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados" (Russell).

²⁵ Augusto Pinto Boal (Rio de Janeiro, 16 de março de 1931 — Rio de Janeiro, 2 de Maio de 2009) foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do Oprimido, que alia o teatro à ação social, suas técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo, notadamente nas três últimas décadas do século XX, sendo largamente empregadas não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política mas também nas áreas de educação, saúde mental e no sistema prisional. Palavras de Boal: “O teatro do oprimido é o teatro no sentido mais arcaico do termo, todos os seres humanos são atores – porque atuam – e espectadores - porque observam. Somos todos espectadores”.

sistema capitalista de produção. Essa postura pode ter sido herança de lutas travadas pela conquista da terra e no contato em suas caminhadas e manifestações, mas, também pela vivência nas capitais, com as mais diversas tendências do pensamento libertário. A maioria dos integrantes do “Caricultura” tem uma maneira diferenciada de enxergar as vivências humanas e o meio ambiente, se comparados a outros moradores do assentamento. Perguntei a Marcos, participante do grupo, como o “Caricultura” influenciou a sua vida e a resposta foi:

Eu era de uma família tradicional do interior, uma família machista, preconceituosa e (...) com nossas discussões eu me acho uma pessoa com menos preconceito. (...) Tem núcleos de assentamento que não tem a mesma defesa quanto à ecologia. A gente não concorda com o humor preconceituoso de alguns grupos de assentamentos. É a visão que é diferente. Aqui as pessoas têm uma mesma visão. No início do assentamento existiam famílias que discutiam essa questão do poder e por mais que tenham entrado outras famílias que não têm esse mesmo pensamento, mas (...) o grupo adotou esse pensamento. O nosso teatro não é um teatro para formar atores, um teatro profissional. Acredito que em outros assentamentos querem criar atores para ir para mídia e a gente não tem esse pensamento. Pensamos a questão ecológica desde o início do grupo. Por exemplo, hoje tem famílias que não queima e tão fazendo agro - ecologia e a peça da gente tá voltada em cima disso e a gente quer repassar isso para quem poder ver e ouvir. Dentro desse assentamento tem pessoas machistas, preconceituosas e que não liga pra natureza e até mesmo no grupo existem essas pessoas. O grupo não veta ninguém, o grupo é aberto.

Maíra conta como o grupo “Caricultura” influenciou seus princípios e no modo como direciona sua vida:

Hoje não estou mais na casa da minha mãe, estou na minha casa e tento construir minha vida seguindo esses princípios da agro ecologia e eu comecei a amadurecer isso no caricultura (...) venho com o caricultura abrindo essa discussão e trazendo isso para minha vida (...) A primeira coisa é não queimar e construir uma boa relação com a terra (...). É isso que me baseio, eu planto, eu não queimo, eu não destruo, eu só tiro o necessário.

Percebi que alguns jovens do “Caricultura”, na faixa etária entre quinze e vinte e dois anos, demonstram ter, no contexto de suas vidas cotidianas, um engajamento e um discurso revelador do interesse por questões planetárias como o cuidado com a natureza, com a terra, a luta contra as queimadas, desmatamento

irregular, poluição etc. Em seus depoimentos, percebi que seus anseios giram em torno da realidade que os cercam. Alguns deles participam das assembleias gerais para discutirem as atividades que serão realizadas no assentamento; outros se encarregam de divulgar as práticas ecológicas e artísticas na “Barra do Leme”. O grupo “Caricultura” aparece aqui como forte elemento condutor das ações dessa juventude, sendo uma importante peça de sociabilidade do assentamento.

2.4. A Vivência em Grupo e as expressões artísticas

Chamou a atenção no “Caricultura” a necessidade do grupo de buscar uma interação, uma socialização. Os integrantes poderiam permanecer preocupados apenas com questões individuais, mas, ao contrário, percebo uma busca de integração não só com o assentamento, mas também com o mundo, razão que leva alguns integrantes a irem a muitos lugares, buscando contatos com pessoas para repartir e para aprender. Vale ressaltar algumas narrativas de “grandes homens” ²⁶

²⁶. Maomé nasceu em Meca em 570, foi um líder religioso e político árabe. Como figura política, ele unificou várias tribos árabes, o que permitiu as conquistas árabes daquilo que viria a ser um império islâmico que se estendeu da Pérsia até à Península Ibérica. Foi durante a primeira parte da sua vida um mercador. Quando tinha quarenta anos, enquanto realizava um retiro espiritual, foi visitado pelo anjo Gabriel que lhe ordenou que recitasse uns versos enviados por Deus. Muitos habitantes de Meca rejeitaram a sua mensagem e começaram a persegui-lo, bem como aos seus seguidores. Em 622, Maomé foi obrigado a abandonar Meca se mudando para Medina. Nessa cidade, Maomé tornou-se o chefe da primeira comunidade muçulmana.

-Buda nasceu na fronteira da Índia com o Nepal. Era um príncipe, seu nome era Siddhartha Gautama. “Buda” foi uma espécie de título que ele adquiriu e significa “O Iluminado”. Aos 29 anos encontrou um homem velho, um doente e um cadáver e percebeu que o sofrimento era o ponto comum a todas as pessoas. Resolveu, então, viver como um mendigo e abandonar a família, a riqueza e o poder para se concentrar na busca da Verdade. Um dia, sentado sob uma árvore perto de Gaya, Buda recebeu a “Grande Iluminação” e compreendeu como seria possível livrar os homens do sofrimento. Logo depois, ele proferiu seu primeiro sermão, em um lugar perto de Bernares. Acompanhado por seus cinco discípulos, viajou pelo vale do rio Ganges (o mais importante da Índia) ensinando suas doutrinas, reunindo seguidores e criando comunidades de monges que admitiam qualquer pessoa, independente de sua casta (até então, a religião na Índia separava as pessoas por classes sociais muitíssimo rígidas). Retornou a sua cidade natal e converteu seu pai, sua mulher e outros membros da família às suas crenças.

que saíram da sua terra natal e acabaram por transformar o mundo e o cotidiano do seu lugar de origem. Como Maomé e Buda, Jesus também saiu de sua terra para pregar a boa nova e para unir as pessoas num ideal de paz. A História está repleta de indivíduos que pelas suas trajetórias, influenciaram outros a viverem uma idéia e quebrarem seus individualismos, trazendo uma nova ética que incentivasse transformações em grupos que as compartilharam. Esses indivíduos se tornaram figuras míticas.

As éticas produzidas pelo modo de vida moderno e ocidental suscitaram projetos individualistas, ou seja, os indivíduos tornaram-se voltados aos problemas individuais e muitas vezes preferiam o isolamento à integração. Como comenta Oliveira e Borges. “O sujeito desse modelo de sociedade é o sujeito da imagem, do mundo virtualizado pelos os meios de comunicação de massa, não um sujeito auto-sujeitado, protagonista alegre, vital” (OLIVEIRA; BORGES, 2008, p. 184,185).

Para Vigotski. (2002), a experiência pessoal é a que possibilita uma efetiva educação, sendo impossível o educar por outrem. Apenas o próprio indivíduo é capaz de educar-se. Na entrevista que fiz a Inácio, ao perguntar-lhe sobre a sua trajetória e o que o levou a pensar como “brincar de arte”, ele me relatou a experiência da viagem²⁷ que fez aos vinte anos de idade. Viagem que possibilitou um encontro com um italiano que realizava um trabalho de arte com crianças. Experiência também realizada no assentamento, que possibilitou às crianças desenvolverem a criatividade:

A primeira vez que vim para capital não foi Fortaleza, foi João Pessoa na Paraíba, sou do sertão paraibano, muito distante, Cajazeiras, mas onde me batizei na capital foi em Recife, foi em Olinda. Eu sair de casa e não disse

²⁷ No trecho abaixo, Inácio diz: derrubei a caixa em cima do caminhão e fui pra cidade. Existem casos bem cantados nas letras das músicas de Luiz Gonzaga, nas quais aparecem histórias de nordestinos que passam por situações semelhantes. Segue trecho da música “Triste Partida” (lançamento 1998), cantada por Luiz Gonzaga e autoria de Patativa do Assaré: Chamando a fãmia/Começa a dizer/Meu Deus, meu Deus/Eu vendo meu burro/Meu jegue e o cavalo/Nóis vamo a São Paulo/Viver ou morrer/Ai, ai, ai, ai/Nóis vamo a São Paulo/Que a coisa tá feia/Por terras alheia/Nós vamos vagar/Meu Deus, meu Deus/Se o nosso destino/Não for tão mesquinho/Ai pro mesmo cantinho/Nós torna a voltar.

a ninguém para onde ia. (...). Eu tinha um violão e começava a cantar. Aí tinha um cara com um monte de literatura de cordel doido pra conseguir um violão. Ele chegou para mim: rapaz teu violão é tão bom né? Ai, eu com um violão desses. Rapaz eu tenho um monte de versus aí que eu vendo (Era literatura de cordel, mas nessa época não era conhecido por esse nome), não quer fazer um negócio com esse teu violão não? (...). Eu sabia que vender cordel era se mandar no mundo e eu doido pra fazer isso. (...) Fui logo fazendo negócio com ele, peguei os versos e sair. (...) Passou um caminhão (...) derrubei a caixa em cima do caminhão e fui para outra cidade, (...) mas quando cheguei em Olinda para me abastecer de literatura de cordel... Cheguei e vi que era um italiano que fazia um trabalho com as crianças e fazia as crianças escreverem várias histórias. Tinha um poeta muito renomado lá: Manuel Camilo dos Santos que fazia esse trabalho de literatura e de acompanhamento com as crianças, cordel e xilogravura.

Durante o processo de educação, as crianças têm que se adequar ao processo civilizatório (ELIAS, 1984), assumindo papéis que vão direcioná-las na vida em sociedade. Dessa forma, no decorrer dessa trajetória, a criança vai perdendo a espontaneidade e com isso a expressividade, ou seja, vão se adequando às normas, às leis que dificultam vivenciar e criar maneiras alternativas para desenvolver-se, seguindo modelos desejados por elas mesmas.

Trabalhar em grupo, por meio das brincadeiras e da linguagem artística, possibilita uma interação dos indivíduos com as emoções, ajudando-os na liberação das expressões corporais, trabalhando, enfim, a capacidade de interação com o ambiente, com as pessoas e a liberação das inibições. De acordo com Andrade (2000), “o primitivo” ao dançar, comunicava-se, divertia-se e praticava sua religiosidade de forma individual e social. Na religiosidade hindu, um dos deuses, conhecido pelo nome de Shiva, é dançarino. Nas sociedades tidas como arcaicas e tradicionais, a arte e a religião estavam relacionadas, dando sentido e significado ao mundo. Criando ritos individuais e coletivos, viabilizando diálogo com forças que estavam ligadas à natureza interior e exterior dos indivíduos, forças desconhecidas que, dessa forma, eram festejadas, reverenciadas. De acordo com Campbell (2007), os mitos e ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza.

Na sociedade moderna ocidental, a arte, a religiosidade e a natureza aparecem como realidades distintas. A expressividade artística teve uma relação perversa a partir do advento da indústria cultural. Somos reconhecidos, apenas

quando aprovados pelas mídias que nos permitem ser cultuados algumas vezes como “deuses”. Apesar de expressões artísticas estarem constantemente eclodindo em diversas localidades pelo mundo, apenas obras de alguns privilegiados são imputados a todos pelo mercado. A arte tornou-se um negócio lucrativo. A expressão artística e cultural perdeu o lugar para o consumo cultural.

As formas de expressão também são boicotadas nas escolas que não dialogam com o meio onde os alunos vivem. Por exemplo, durante a pesquisa, ao ir à casa de Maria Nojosa, um dos seus filhos, com idade de quatorze anos, reclamou, dizendo que não gostava de ir à escola, porque ele queria viver no mato caçando e preferia trabalhar (atividade que exercia com toda a família, cortando árvores para fazer carvão) do que ir à escola. Assistir à aula para ele era um suplício, pois não agüentava passar o tempo sentado na cadeira, ouvindo professores arrogantes dizerem o que ele deveria fazer. Também pelo fato dos professores não o deixarem colocar suas opiniões para modificar as aulas. Essa fala fornece indícios de que a escola está separada desses indivíduos, pois não está em harmonia com o cotidiano das crianças e adolescentes, especialmente as que vivem no meio rural.

Nem todas as escolas trabalham a arte, através de dinâmicas em grupos com as crianças. Quando o fazem, geralmente a enquadram em disciplinas ou em alguns momentos de lazer bastante limitados, que são incapazes de suprimir a necessidade de expressão. O resultado é a produção de indivíduos incapazes de se exporem, a partir dos seus processos criativos. Segundo Camargo e Bugacov (2008)²⁸.

Estamos constatando que nosso ambiente escolar vem perdendo um espaço fundamental para nos tornarmos humanos, de nos descobirmos como seres únicos e em movimento. É um ambiente que não legitima nem a interrogação, nem a possibilidade, que não incentiva a individualidade nem a construção de nossa autonomia e, conseqüentemente, nem o respeito pela autonomia do outro. (...) Entendemos que, por meio da

²⁸ Psicologia em Estudo. Artigo - A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica. Autoras: Denise de Camargo; Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov, Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300007&lng=es&nrm=iso&tlng=es

aproximação com as artes, a estética pode vir a ser um instrumento para a educação do sensível, levando-nos a descobrir formas até então inusitadas de perceber o mundo. Por meio da experiência estética o homem desenvolve a capacidade sensível, a percepção, e constrói um olhar que o incentiva a perceber a realidade de diversos ângulos, sob diversos aspectos.

Na trajetória social de Ivânia está presente a experiência do “viver em grupo”. Ivânia iniciou seu trabalho grupal com crianças quando ainda era criança, através das brincadeiras do campo. Como foi dito anteriormente, também foi a partir das crianças que surgiu o grupo “Caricultura”. Abaixo, Ivânia relata sua experiência com a catequese em grupo e a sua percepção sobre a escola:

Minha origem é do campo,(...). Estudei catecismo, (...). Depois que fiz a primeira comunhão eu tive a necessidade de estar em grupo (...). Fiquei ensinando catequese dos onze anos aos dezesseis anos (...) Fazíamos dinâmicas que a gente não tinha como trazer de outro canto. A gente criava brincadeiras, (...) Essa experiência me deu base e sustentação para viver bem e com as crianças. Com a convivência com adultos eu achava que era assim, meias palavras. As palavras saiam muito trabalhadas e eu não sentia a mesma confiança quando estava em grupo com as crianças. (...). Eu fui atrasada na escola e sempre fui empurrada, porque tirava as brincadeiras livres que a gente tinha no campo que era pegar passarinho, andar no mato, tomar banhos no riacho e tirava isso aí para a gente ir para escola era uma tarefa muito pesada.

Na minha ida a Canindé também presenciei a apresentação das crianças e observei que todas participam ativamente da peça e se transformam, assim como os adultos, através das máscaras, roupas e personagens. Percebi que elas gostavam de participar do grupo e não estavam ali obrigadas, mas, estavam pelo prazer de brincar e de fazer teatro. No “Barra do Leme”, durante os ensaios, observei-as se divertindo e gostando de cantar e declamar as palavras da peça. Só ficavam entediadas nos momentos das reuniões, em que Altamar fazia perguntas sobre o grupo.

Simmel (2006), trata do “impulso da sociabilidade”, isto é, os homens se encontram por objetivos diversos, seja uma reunião econômica, comunidades religiosas de culto, bando de assaltantes ou grupos de teatro, sempre com necessidades e interesses específicos, mas para além dessas necessidades diversas, existe também uma satisfação de estarem “justamente socializados”. As

crianças, os jovens do “Barra do Leme” demonstraram gostar de estarem envolvidos nas discussões e de participarem de forma ativa dos problemas e do cotidiano dos assentamentos.

Ivânia relatou que em uma reunião da Associação, uma menina de nove anos de idade, participante do grupo “Caricultura”, estava sentada de cabeça baixa desenhando e, no meio das discussões, quando todos estavam se preparando para votar contra ou a favor das queimadas da caatinga, a menina se levantou e inesperadamente disse: “queimar a vegetação não é questão de votação”. Todos desistiram de votar nesse momento.

No assentamento “Barra do Leme”, tentei entrevistar algumas crianças e ouvi suas percepções sobre o assentamento:

- B. nove anos, quarta série. Estou no grupo há quatro anos. Comecei quando estavam pegando lixo nas casas. Eu tive vontade de participar e gosto. Agora faço peça contra o desmatamento da natureza. Eu gosto das pessoas do grupo.

- A. Terra, 8 anos, terceira série. Estou a quatro anos no grupo e comecei quando eles estavam apanhando o lixo. O que mais gosto do grupo é representar.

- F. dos Santos. Está com nove meses que estou no Caricultura, eu era do Macaco. Eu acho legal o grupo porque a gente se diverte mais. A gente faz brincadeiras, a gente fala das árvores. Os outros assentamentos são diferentes do nosso, da nossa peça. A gente se diverte muito na peça, a gente gosta. Na nossa peça a gente fala dos metais, dos peixes, do vento, da água. O que eu mais gosto no grupo são as brincadeiras.



FIGURA -21 A mais nova participante do grupo. Foto: Ana Cecília dos Santos, 2009.

Percebi que o grupo “Caricultura” representa para as crianças do assentamento uma diversão que faz parte das suas vidas cotidianas, assim, como os outros tipos de brincadeiras que ocorrem nos mais variados contextos, (por exemplo, as brincadeiras de rua: pular corda, amarelinha, pega pega, esconde-esconde, jogo de bola de gude, etc.) O grupo “Caricultura” proporciona tudo isso, resgatando vivências pueris nas noites do sertão. Essa percepção é extremamente significativa para o meu trabalho. Afinal de contas, é possível desenvolver as relações de autonomia e de resistência, a partir de um cotidiano festivo? Haverá nas ações artísticas elementos capazes de consolidar as sociabilidades do assentamento “Barra do Leme”?

3.0. INCRA-CE E O “CARICULTURA” E OS SIGNIFICADOS DE AUTONOMIA

Antes de realizar a entrevista com Inácio e Ivânia e conhecer o grupo “Caricultura” no assentamento “Barra do Leme”, fui ao INCRA-CE conhecer o projeto “Arte e Cultura na Reforma Agrária” nos assentamentos rurais. Conversei com a coordenadora do projeto, Silma Magalhães, que me narrou o percurso de desenvolvimento do trabalho voltado para a cultura nos assentamentos rurais. Apesar de ter tentado em 1994, 1995 e 1996 levantar um mapeamento das expressões culturais no campo, somente em 2003, no governo Lula, quando Eduardo Barbosa assumiu a superintendência do INCRA-CE, é que se conseguiu apoio para levar adiante esse projeto.

Percebendo a cultura como fonte de desenvolvimento, firmaram convênio com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-CE) e dessa forma, realizaram capacitação dos técnicos e dos assentados, produziram ao mapeamento das manifestações culturais e organizaram um seminário estadual. Contavam com setenta integrantes nesse seminário, ampliado para cento e setenta e oito. Número, que segundo Silma Magalhães, mostrou o interesse das pessoas pelo tema da cultura. Nesses debates estavam presentes a Secretaria da Cultura do Ceará e o Banco do Nordeste. A partir do mapeamento, levantaram-se questões

sobre a cultura popular, juventude, as culturas e educação. A partir daí, começaram a definir o trabalho, pensando em fazer pontes entre as políticas culturais e os grupos culturais.

De acordo com Silma Magalhães, as propostas culturais foram surgindo de forma espontânea, isto é, foram sugeridas pelos próprios assentados e trabalhadas coletivamente. Juntamente com o “Programa Valorização das Culturas Regionais”, um programa da (SECULT, 2003 a 2006)²⁹, se criou uma linha de difusão das criações artísticas dentro dos assentamentos. Com o desenvolvimento do trabalho, se realizaram mais de cem apresentações no interior do Ceará, no Rio Grande do Sul durante a Conferência Nacional de Desenvolvimento Cultural, em São Paulo e Rio de Janeiro. Foi publicada, ainda, o livro de Oswald Barroso³⁰, “Arte e Cultura na Construção da Reforma Agrária”; realizada uma exposição fotográfica conhecida por “Uma Terra que Jorra Leite e Mel”; foi feito um documentário com Rosenberg Cariry³¹, participação do ano de comemorações Brasil e França denominado “Terra e Cultura na Construção da Cidadania”, articulado com Organizações não Governamentais (ONG’S) e a Universidade Federal do Ceará (UFC).

²⁹ Na Secretaria Estadual da Cultura do Ceará, na gestão de 2003 a 2006, criou-se o Plano Estadual de Cultura do Ceará que tinha como meta a Valorização das Culturas Regionais, ou seja, esta meta visava uma aproximação com os municípios cearenses, buscando uma descentralização ao acesso às formas de fomento a cultura. Segundo Leitão: Com a criação de uma política de editais de fomento às artes (...) demos o primeiro passo para a inclusão, pois garantimos em lei que pelo menos 50% dos recursos do Fundo Estadual de Cultura seriam voltados ao apoio de projetos advindos do interior do Estado. (LEITÃO, 2009, p.550). Nesta gestão, foram construídas redes que possibilitavam o diálogo com artistas e gestores de equipamentos e outros profissionais da cultura no interior.

³⁰ Oswald Barroso: poeta, jornalista, ator, folclorista e teatrólogo. Tanto na atividade artística (poesia e teatro), quanto na atividade jornalística (particularmente, como repórter do jornal O Povo), e na atividade acadêmica e de pesquisa, tem trabalhado sobre temas relacionados à cultura popular cearense, notadamente, aos movimentos sociais, à religiosidade, ao artesanato, às festas e aos folguedos.

³¹ Filósofo de formação, Rosenberg Cariry começou sua carreira cinematográfica em 1975 com documentários de curta metragem sobre artistas populares e manifestações artísticas do Ceará e do Nordeste. Na década de 80, realizou os seus primeiros filmes. Seus principais filmes de Longa metragem são: A Irmandade da Santa Cruz do Deserto (1986); A Saga do Guerreiro Alumioso (1993); Corisco e Dadá (1995). Um traço marcante da obra de Rosenberg Cariry é a busca sempre renovada das fontes e dos encontros na cultura do Nordeste do Brasil.

Silma Magalhães revela que a dimensão econômica não é a questão fundamental, ou seja, a intenção da proposta não é fazer os assentados ganharem dinheiro por meio das suas manifestações artísticas. O objetivo, discutido coletivamente entre os assentados, é trabalhar a auto-estima, a coesão social, a educação e a sociabilidade dos jovens. Para ela, o processo de desenvolvimento deve-se pautar nos traços culturais da comunidade e a partir daí, é que deve ser pensado o desenvolvimento local.

Conforme Turino (2009), os recursos públicos direcionados para fomento à cultura, estavam nas mãos de empresários que destinavam ao *marketing* de empresas. A expressão das múltiplas identidades presente na diversidade cultural brasileira estava reduzida pelo o que era transmitido pelas telenovelas, mostrando a realidade de bairros da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. No governo Lula, houve uma inovação na forma de perceber a cultura. Os “Pontos de Cultura” abriam possibilidades para as “múltiplas vozes do povo” manifestar suas diversas formas culturais e artísticas. Ao invés de impor uma programação cultural chamam-se os grupos culturais para dizerem o que querem e como querem. O foco dessa política pública é a busca de autonomia e empoderamento social. Como expressa Turino:

O Ponto de Cultura potencializa iniciativas já em andamento, criando condições para um desenvolvimento alternativo e autônomo, de modo a garantir sustentabilidade na produção da cultura. É a cultura entendida como processo e não mais como produto. (TURINO, 2009, p.70)

Para Turino, um “Ponto de Cultura” é um aproximador de iniciativas a ações e só se concretiza quando articulado em rede. O “Cultura Viva” é concebido como uma rede orgânica que tem como base de articulação o “Ponto de Cultura”. Turino cita o exemplo do “Homem Vitruviano” de Leonardo da Vinci para exemplificar essa relação, ou seja, o “Ponto de Cultura” é a base e o “Cultura Viva” é alavanca que impulsiona a integração entre os sujeitos produtores de cultura em diversas localidades do Brasil. Um dos objetivos dessa política pública, é abrir espaço para os indivíduos participarem de forma ativa e formuladora. A partir daí, criar novas concepções de desenvolvimento social fundamentada no protagonismo social.

Para Silma, o “Ponto de Cultura” é uma política pública que se constrói o projeto em consonância com a comunidade, ou seja, a partir das necessidades da comunidade. Ela cita a experiência do assentamento “Barra do Leme” em Pentecoste e fala do “Cantos da Mata”, projeto criado pelos próprios moradores do assentamento, cujo objetivo é divulgar as propostas da viagem de Inácio e Ivânia até a Argentina, em busca de sementes nativas, divulgando as fotos da viagem e discutindo a agroecologia; montando ainda, um memorial denominado “Chico Mendes”. Silma Magalhães falou da feirinha realizada no assentamento, que segundo Ivânia, serve para trocar objetos e ao mesmo tempo trocar idéias a partir do teatro.

São sete assentamentos envolvidos no projeto “Pontos de Cultura”, recebedores da quantia de R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais). Há ainda, previsão da disponibilização de um *Kit* multimídia, internet e divulgação das manifestações artísticas da comunidade. Segundo Silma Magalhães, a autonomia é um dos objetivos buscado pelo projeto, por isso, o intuito é trabalhar conjuntamente, mas buscando a autonomia dos assentados. Estão previstos cursos de desenvolvimento cultural no assentamento, a fim de qualificar tecnicamente agentes de desenvolvimento cultural, qualificação essa, promovida pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFET).

Durante a entrevista, perguntamos a Ivânia como o INCRA-CE tem contribuído para o desenvolvimento do grupo. Perguntei também sobre a trajetória deles até obter a implantação do “Ponto de Cultura”:

Na verdade o INCRA não mandou nada para a gente, para participar nada de cultura. A gente já existia como grupo e ficamos sabendo que ia acontecer um encontro de cultura da reforma agrária em tal canto, então o grupo quis ir, pois a gente queria encontrar jovens de outras comunidades. Os técnicos do INCRA é que trazem as informações todas. A gente nunca era informado das atividades culturais. Nos encontros o INCRA disse que não dava passagem, que não dava hospedagem. O encontro era em Limoeiro do Norte. Nós fizemos o reisado, fomos de casa em casa, conseguimos comida, levamos uma barraca. Dissemos que íamos acampar no meio da praça e fazer comida no meio da praça. Imediatamente eles arranjaram um colégio para a gente ficar. (...) Tem algumas companheiras lá que não são funcionárias do INCRA, mas que prestavam serviço para o INCRA que tiveram afinidade com a gente (...) disseram que tem projeto aí (...) que tem grupo que nem tem tanto conteúdo assim e ganharam. Uma

dessas companheiras de forma informal disse: eu vou contactar vocês, eu vou ajudar vocês a fazer o projeto, vocês merecem participar de um projeto desses. Uma dessas companheiras incentivou, deu a informação e ajudou a fazer o projeto, na verdade a gente não sabe fazer projeto. O projeto tinha que ter um nome de um coordenador, a gente colocou a Margarida, mas a coordenação é de todo grupo. Foi tanta burocracia, tanto papel da associação.

Inácio revela que o “Ponto de Cultura” traz muitas obrigações e burocracias que eles não estão acostumados a administrar. Como exemplo, as prestações de contas dos gastos com o projeto e a administração de uma determinada quantia de dinheiro (duzentos mil reais), principalmente, porque a intenção inicial do grupo não seria ganhar dinheiro e nem tampouco administrá-lo. O objetivo é trazer uma reflexão a respeito da resistência da cultura tradicional camponesa, perante os valores do meio urbano e participar dos eventos sobre cultura para divulgar suas propostas ecológicas de preservação do ambiente.

Nas falas de Inácio, Ivânia e Silma Magalhães, aparecem repetidas vezes a palavra “autonomia”. Observei que essa palavra é pronunciada a partir de sentidos diferentes. Para Silma Magalhães, “autonomia” está relacionada ao desenvolvimento econômico do assentamento; com a capacitação dos assentados para que os mesmos gerenciem seus negócios e problemas provindos das suas famílias e da comunidade, obtendo melhorias econômicas, desenvolvendo por meio das expressões culturais, a sua auto-estima.

Silma Magalhães enxerga o trabalho de qualificação técnica de agente de desenvolvimento cultural, como um meio de possibilitar o aparecimento de pessoas “capacitadas”, para animar através das manifestações artísticas e culturais, os assentados, fazendo com que os mesmos desenvolvam a dimensão cultural de suas vidas no assentamento.

Para Weber (2006), a conduta humana é dotada de um significado subjetivo que orienta os comportamentos, relacionados com idéias de valor, sendo assim que o comportamento do homem se recobre de significado para quem o estuda. Ele cita quatro tipos de relações sociais orientadoras dos comportamentos: relação social voltada para fins (cuja intenção é chegar a objetivos pretendidos recorrendo aos meios disponíveis), relação social voltada aos afetos (inspiradas,

como exemplo, por medo ou vingança, etc.) ação social orientada pela tradição (quando o indivíduo orienta sua conduta pela tradição, pelos costumes), relação social orientada por valores (que se coloca a serviço de suas próprias convicções, para a legitimidade de um comportamento, buscando o senso de dignidade).

Utilizando a teoria de Weber, comparamos a conduta do INCRA-CE com a relação social voltada para fins, cuja intenção é chegar a objetivos pretendidos recorrendo aos meios disponíveis. Esse tipo de relação é construído a partir de uma separação entre a vida cotidiana dos indivíduos e a Instituição, cujo papel é apenas promover, através de medidas racionais e técnicas, a exposição da arte e da cultura nos assentamentos.

Segundo Ortiz (1994), o Estado manifesta interesse pela questão cultural desde o golpe militar de 1964, assumindo o argumento de unidade na diversidade, ocupando uma posição de neutralidade e de salvaguarda de uma identidade cultural brasileira em defesa dos bens do patrimônio histórico, se utilizando de práticas populares para apresentá-las como expressões da cultura nacional. Conforme Ortiz:

O Estado, ao incorporar alguns elementos do discurso tradicional, legitima sua política cultural. Se percebemos que a relação qualidade quantidade corresponde à relação cultura-técnica, tem-se que a implementação de uma política de cultura se associa a um processo de humanização da técnica. (ORTIZ, p. 105, 1994)

Para Ortiz (idem), a memória coletiva é construída a partir das vivências e se manifesta ritualmente. É produto de uma história social construída coletivamente. Já a memória nacional é ideológica e não se concretiza no cotidiano³². O grupo “Caricultura” foi construído por meio de vivências espontâneas e cotidianas que envolviam amizades, sentimentos, diversões e também discussões dos problemas e questões provindas do dia-a-dia. Todos esses episódios animavam e motivavam as crianças, jovens e adultos a participar e criar dentro do grupo. As condutas dos indivíduos foram construídas em cima de uma aspiração do mundo no qual vivem e

³² De acordo com Turino (2009) a proposta dos “Pontos de Cultura” é valorizar as manifestações culturais em suas localidades.

estão impregnadas por valores e convicções ecológicas construídas ao longo de sete anos. Como a frase de Maíra: “venho com o Caricultura abrindo essa discussão e trazendo isso para minha vida”.

A vinda de pessoas tentando ensinar ao grupo a “arte de animar”, não é bem vista pelos integrantes do “Caricultura”, pois o grupo não precisa de agentes culturais ensinando a “arte de animar”, uma vez que a animação e as manifestações culturais vêm ocorrendo há sete anos, de forma espontânea. Como foi citado anteriormente, no momento em que se levantou a questão de um diretor para o “Caricultura, Marcos revelou: “nós vamos ficar vetados”.

Barroso (2005) compara duas experiências no meio rural. A primeira, referente ao *Caldeirão*, experiência política ocorrida no período entre 1927 e 1936, no município do Crato-CE. Questiona as razões do êxito econômico do Caldeirão e explica que esse “sucesso” sucedeu em parte, a partir de valores religiosos e culturais, uma vez que os *caldeirenses* possuíam poucos recursos materiais, nenhum apoio econômico, nenhuma orientação técnico-científica, além de viverem em uma região onde a seca castigava cruelmente. Apesar das adversidades, conseguiram, através do trabalho coletivo, um resultado favorável para as famílias que se beneficiaram de formas igualitárias de organização. A segunda experiência foi no assentamento *Vitória*, onde durante a década de 90, houve o desenvolvimento de recursos materiais e econômicos oferecidos por projetos que beneficiam os assentamentos, sofrendo esse uma vertiginosa decadência, iniciada com a seca de 92. Uma das explicações para o fenômeno se encontra no pouco zelo pelos bens coletivos. De acordo com um dos assentados, a diretoria se viu dona do assentamento e os trabalhadores, dos seus assentados.

Barroso (idem) afirma que a fundamental distinção entre as duas experiências no campo, se encontra na “diferença cultural”, ou seja, na forma de se atribuir significado ao mundo. No *Caldeirão*, os romeiros não se sentiam donos das coisas, nem das pessoas e atribuíam significado maior à vida, uma vez que seus valores estavam voltados para Deus e os objetos materiais faziam parte da “obra divina”. Os assentados do *Vitória* estavam, por sua vez, voltados apenas para os seus interesses econômicos e enxergavam os outros e as coisas como sendo meios

econômicos voltados ao lucro e às suas necessidades de consumo. Duas maneiras bem diferentes de atribuir significado às coisas. Termina concluindo que a cultura fornece um sentido que se projeta nas realizações da vida material.

A principal diferença entre o *Caldeirão* e o assentamento Vitória não se limita somente às representações sobre a vida, mas se estende aos significados de autonomia e, além disso, das vivências cotidianas impregnadas de libido³³. Os camponeses do *Caldeirão* estavam movidos pela crença religiosa, pela fé³⁴ que muitas vezes determina comportamentos, transforma os indivíduos. No pensamento weberiano refere-se à relação social orientada por valores que se coloca a serviço das convicções para a legitimidade de um comportamento, na busca pelo senso de dignidade. A crença em Deus mobiliza algo que não está envolvido com pensamentos racionais provindos da consciência, mas com a convicção em algo, ou seja, em um impulso do inconsciente capaz de mobilizar, ou seja, a libido. No assentamento *Vitória*, os indivíduos não estavam motivados por essa libido capaz de criar solidariedades e sociabilidades produtoras de autonomia e de resistência.

Para alguns integrantes do “Caricultura”, autonomia está ligada à busca de independência em relação ao mercado capitalista, referente à visão que separa o homem do campo, da terra. Ivânia relatou que o INCRA-CE gastou muito dinheiro

³³ Enquanto para Freud a libido é somente sexual, para Jung a libido é toda a energia psíquica. Para Jung, a libido é uma energia psíquica, instinto permanente de vida que é direcionado para necessidades e interesses diversos. Teoria que se aproxima da Vontade de Poder de Nietzsche. Expondo-a de forma resumida, comparo a libido à vida de Nietzsche. Segundo Oliveira e Borges (2008), a vida quer se expandir (como poder) e tira de si mesma os impulsos para sua expansão e não como mero resultado do meio exterior.

³⁴ A fé se relaciona de maneira unilateral com os verbos acreditar, confiar ou apostar, isto é, se alguém tem fé em algo, então acredita, confia e aposta nisso, mas se uma pessoa acredita, confia e aposta em algo, não significa, necessariamente, que tenha fé. A diferença entre eles, é que ter fé é nutrir um sentimento de afeição, ou até mesmo amor, pelo que acredita, confia e aposta. A fé não é baseada em evidências físicas reconhecidas pela comunidade científica. É, geralmente, associada a experiências pessoais e pode ser compartilhada com outros através de relatos. Nesse sentido, é geralmente associada ao contexto religioso. A fé se manifesta de várias maneiras e pode estar vinculada a questões emocionais e a motivos nobres ou estritamente pessoais. Pode estar direcionada a alguma razão específica ou mesmo existir sem razão definida. Também não carece absolutamente de qualquer tipo de evidência física racional. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/>.

com um projeto de construção de um poço na seca do ano de 1999 e, por não levar em consideração “o saber” da comunidade local, o projeto não funcionou, desperdiçando dinheiro.

É um projeto que vem distante do que a gente conhece, (...), uma única pessoa que vinha manusear aquela máquina, o resto da comunidade não conhece. Até a própria pessoa que é treinada para abrir, fechar e fazer aquela manutenção ela não é treinada para conhecer mais amplamente e logo, logo é muito sal na água... (...). Dois anos no máximo de permanência do poço, dar problema na bomba. Um técnico vai e leva a bomba para ajeitar e até hoje, isso está com seis anos e não voltou com essa bomba. Mais ou menos uns trinta e cinco mil reais ficou enterrado e a comunidade continuou sem água. Ficamos dependendo de carro pipa, dependendo de água contaminada. A universidade fez teste de que é contaminada mesmo. Qualquer estiagem, qualquer seca a gente bebe essa água mesmo a prefeitura sabendo. A gente questiona qualquer projeto que vem com especialista e é totalmente distanciado dos saberes, do cotidiano da gente. (...) Toda uma comunidade não pode ter autonomia. Se você for ver a história do semi-árido as pessoas sempre resistiram buscaram sobrevivência com a questão da água com os seus saberes. As cisternas foram aprendido do povo que vivia na roça mesmo, no campo. Não foi técnico que levou isso das universidades. A própria captação de água foi nós que fizemos. Levam pacotes de projetos que te deixam dependentes ou impotente. Aquilo ali é empurrado goela abaixo.

Citei esse acontecimento para mostrar como as políticas públicas voltadas para o mundo rural podem estar distantes do cotidiano e das expressões culturais dos moradores dos assentamentos. Barroso (idem) propõe no final da análise do *Caldeirão* e do assentamento *Vitória* que as organizações governamentais incentivem a autonomia sem intervir, nem criar dependência, abrindo caminhos para que as pessoas se expressem e harmonizem a vida econômica com os imaginários e os respectivos valores culturais locais.

Turino (2009)³⁵ ao narrar o surgimento do programa “Cultura Viva” e dos “Pontos de Cultura”, citou a fala de Gilberto Gil no momento de sua nomeação para ministro da cultura. Foi perguntada qual marca iria imprimir a gestão e Gilberto Gil respondeu: “a abrangência”. Turino continua dizendo que na gestão Gilberto Gil o

³⁵ Gilberto Gil, ministro da cultura, nomeou Célio Turino para desenvolver um programa de democratização e acesso à cultura e a partir desse momento foi elaborado o programa “Cultura Viva” e os “Pontos de Cultura”.

entendimento de cultura foi dilatado. Cultura não foi mais sinônimo de refinamento, belas-artes, eventos isolados ou meros negócios, mas o conceito de cultura se expandiu para “produção simbólica”, “fluxo”, ao invés de “estrutura”. A principal proposta dos “Pontos de Cultura” é mostrar “a voz do povo”, por meio das suas expressões culturais como a música, o teatro, a poesia, literatura, etc., promovendo a difusão das infinitas expressões culturais surgidas nas diversas localidades do Brasil, provocando o “protagonismo sociocultural” e gerando o “empoderamento social” na população brasileira.

Outra proposta citada por Turino é: “a integração na diversidade” (TURINO, 2009, p. 80). Nesse ponto, retorno aos questionamentos levantados por Ortiz (idem), ao falar das propostas do Estado brasileiro de conceber uma política de “unidade na diversidade”. Considero importantes os novos projetos culturais ampliarem o conceito de cultura, mas é fundamental perceber que a cultura manifesta-se na vivência, nas diversas formas de “fazer” (De Certeau) e transformar o sentido do que está posto.

4.0. GRUPO CARICULTURA: TERRA E SUBJETIVIDADE NO IMAGINÁRIO RURAL

A preocupação do “Caricultura” com a autonomia do homem e mulher do campo, em função do modo de produção capitalista, está ligada a valores ecológicos que buscam ressignificar a relação entre homem e natureza, assim como dos homens entre si. Essa preocupação se expressa pela vontade de construir junto com a comunidade, instrumentos e ações de preservação do meio ambiente. Abaixo, a percepção de Maíra, 19 anos, sobre a terra:

o grupo sempre teve a preocupação com a parte ecológica (...) a primeira coisa é não queimar e construir uma boa relação com a terra, porque todas as relações que são construídas com carinho, com amor, com cuidado dar um retorno muito bom. Tanto faz se é entre seres humanos ou entre todos os seres (...) com a terra é do mesmo jeito, se você não maltrata, não queima, não destrói (...) você vai ter tudo de bom da terra.

Essa concepção também está conectada com a imagem presente no antigo testamento, mais precisamente no Gênesis, na qual homem e natureza são inseparáveis e ambos, expressões do mesmo criador. No tema, encontramos significado de envolvimento, sensação de pertencer, tocar, participar do processo de ligação com a realidade, com a vida, com a natureza. Capra cita a experiência de pertencimento:

Estar intimamente envolvido com uma realidade maior que eu mesmo, seja um relacionamento de amor, uma comunidade, uma religião ou o universo. Portanto eu pertencimento significa: eu encontro aqui o meu lugar, (...). Agora estou em casa, este é meu lar. (...) Pertencimento a todos os outros seres humanos. (...) Pertencimento a todos os animais, pertencimento às plantas. E pertencer significa: estou em casa, com eles, sou responsável por eles e para eles. (...), pertencimento a eles tanto quanto eles pertencem a mim. Nós todos nos pertencemos nesta grande unidade cósmica. (apud, GOMES 2001, P 92)

Para os trabalhadores e trabalhadoras do campo está presente, nos seus cotidianos, a relação com a natureza. A terra é a matéria com a qual trabalham e tiram o seu sustento. O grupo “Caricultura” possibilita o pensar e o vivenciar do cotidiano de forma coletiva. Permite, por meio de práticas artísticas, o levantamento de questões referentes às suas existências. Estimula, ainda, as possibilidades de declamar, cantar, pintar, conversar sobre a natureza, a terra e a vida no assentamento. O grupo conta suas experiências e trata também de resgatar a história dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Dessa forma, promove a memória, estimulando novas formas de preservação do meio ambiente, a partir da cultura no sertão. Para Leitão:

A cultura “cria comunidade” na medida em que, como expressão do seu mundo imaginal, ela fornece uma identificação a esta comunidade. (...) buscando através de suas imagens uma identificação própria, que a diferencie de outros grupos. (LEITÃO, P 149, 1997)

A autonomia, tantas vezes citada por alguns integrantes do “Caricultura”, traz uma proposta de diferenciação do modo vivenciado tradicionalmente pelo capitalismo moderno ocidental. Nele, a principal expressão é a aceleração do tempo com a famosa frase repetidamente falada: “tempo é dinheiro”. Ivânia expressa essa angústia da separação do camponês da sua cultura e de suas relações com o tempo:

Roda³⁶ de debulhar feijão que era muito prazeroso, eu passava à noite toda... Agora passou a ter um preço. Bota a máquina lá, a debulhadeira e debulha rápido não sei quantos sacos de feijão e você paga a conta. Em compensação, todo aquele tempo de roda, de ensinamento, de histórias, troca de experiências vai perder aquilo ali e no lugar do mutirão que juntava dez vizinhos e ia fazer o roçado juntos, botava o trator. Tu vai ter em poucas horas todo o teu roçado pronto e a rapidez do motor é a rapidez do dinheiro. Quando a reforma agrária chega, (...) ela vinha sendo acalentada, (...) dentro dos companheiros de ter a terra livre, livre de cerca, livre de arame, mas a gente não percebia que a terra já não era livre e que mesmo que a gente cortasse as cercas, ela tinha sido tomada pela a lógica do mercado e do Estado. Quando se consegue a reforma agrária, ela vem pela força dos camponeses e os camponeses vão para ela sem saber que estão com esse conteúdo, vão para a terra, vai para a reforma agrária com esse conteúdo de vida que tinha que fazer as coisas mais rápidas, a produzir mais rápido pra dar dinheiro para sustentar os filhos, sustentar as necessidades que não é mais de comida. (...) A reforma agrária vai atender a isso. Não vai atender um sonho antigo de o camponês ter a terra, (...) numa relação recíproca de auto se alimentar da terra. Ele vai atender a isso, a necessidade que o mercado impõe. Você vai encontrar aqui acolá agricultores resistindo ainda com a cultura de resistência, de raiz. (...) A gente tem a angústia de fazer essa leitura (...). De ver a terra atrelada ao mercado.

Elias (1984) reflete sobre o tempo e narra uma história de choque em relação a duas culturas que percebiam o tempo de formas diferentes. Uma concepção do tempo vivenciada pelos norte-americanos, outra pelos índios *pueblo*. Os índios iam fazer uma apresentação, uma dança e para isso, precisavam se concentrar até encontrar um clima propício, que ressoava a partir das suas necessidades interiores e por essa razão, não se limitava a horários. Enquanto isso, os norte-americanos obcecados com o tempo, compreendiam a demora na apresentação como irresponsabilidade. “O atraso” “consumia os brancos até o limite de suas forças”, trazendo a sensação de desperdício de tempo. Elias (Idem) expõe

³⁶ Ivânia expressa a celebração da colheita, a união dos agricultores após um dia de trabalho na roda de debulhar o feijão. Para Oliveira e Borges (2008), a roda é o símbolo do movimento circular que nega a idéia linear de progresso capitalista. Para Jung (1983), o círculo é o retorno e integração a si mesmo. É também um símbolo presente em diversas culturas desde os tibetanos, passando pelo cristãos até os índios nos seus rituais “xamânicos”. Como expõe Jung (idem), o movimento circular também tem o significado moral da vivificação de todas as forças luminosas e obscuras da natureza humana (...). Isto significa autoconhecimento. A roda, o círculo e os movimentos circulares nas culturas não apenas consistem na integração consigo, mas se torna uma força integradora com a natureza, com a comunidade, enfim, com o cosmos.

sobre o processo civilizador comum a toda sociedade e cita que a diferença atual, está na forma de inculcar nos indivíduos a “consciência moral” ou “razão”:

Nenhum grupo humano poderia funcionar ao longo de qualquer período, se seus membros adultos não conseguissem inculcar modelos de auto-regulação e autodisciplina nos pequeninos seres selvagens e totalmente indisciplinados que serão seres humanos em seu nascimento. O que se modifica no curso de um processo civilizador são modelos sociais de autodisciplina e a maneira de inculcá-los no indivíduo, sob a forma do que hoje chamamos de “consciência moral” ou, talvez “razão”. (ELIAS, 1984, p.117)

Os indivíduos nas sociedades modernas vivenciam o tempo como contagem do relógio, tempo que não pode ser desperdiçado, desvinculando-se dos ciclos da natureza e dos processos naturais interiores. “O ganho de tempo” se transforma em vantagem e esse pensamento não seria diferente em um assentamento rural. Entretanto, percebo uma resistência por parte dos moradores do assentamento “Barra do Leme”. Para Martins (1995), o camponês tem resistência histórica ao modo de vida imposto pelo o capitalismo:

Desenraizamento do campesinato, uma condição fundamental para o desenvolvimento capitalista. Seria, entretanto, pura imbecilidade tentar convencer o camponês que está sendo despejado, cuja casa está sendo queimada pelo o jagunço e pela a polícia, de que deve aceitar tal fato como uma contingência histórica, como ocorrência que é ruim para ele, mas é boa para a humanidade. (MARTINS, 1995, p.13)

Martins (idem) continua expondo que as maiores histórias de resistência e luta no Brasil foram realizadas por camponeses. O autor cita *Canudos* e o *Contestado*³⁷ e prossegue dizendo que o campesinato brasileiro é a única classe social que, desde a proclamação da República, tem reiterada experiência direta de confronto com o exército.

Santos (2000) demonstra que a natureza é um valor e ela é natural apenas nas formas isoladas, ou seja, a natureza é valorizada na escala de valor estabelecida pela sociedade. As relações estabelecidas em todas as esferas sociais

³⁷ Segundo José de Souza Martins o Contestado é a maior guerra popular da história. Foi uma guerra camponesa que ocorreu no sul do país, nas regiões do Paraná e Santa Catarina, nos anos de 1912 a 1916. Abrangeu 20 mil rebeldes e envolveu metade do exército brasileiro. De 1896-1897 aconteceu a guerra de Canudos nos sertões da Bahia, durou cerca de um ano e também envolveu metade do exército brasileiro e milhares de camponeses.

são valorizadas a partir do que elas oferecem ao mercado. Isso ocorre em todos os setores da sociedade moderna capitalista e vai da natureza à cultura. Em função de uma tradição racionalista e antropocêntrica, o planeta se transformou em um local de indivíduos vorazes para consumir. O homem, em função de um racionalismo excessivo, deixou de ser parte integrante do cosmos para se tornar seu dominador e consumidor.

Os camponeses e agricultores, historicamente, fazem parte da população que têm e tiveram um maior convívio com o meio ambiente. Tradicionalmente têm cuidado da terra, das plantações e são dotados de um imaginário que contribui para preservação do meio ambiente, devido a um histórico de convívio com os elementos da natureza de forma sustentável. No entanto, esse quadro tem se modificado com o impacto do modo de vida ocidental contemporâneo.

O modo capitalista de produção “sacraliza” a mercadoria e o consumo, contribuindo para separar o homem do sentido de pertencimento. A terra deixa, assim, de ser o local de convivência com os outros homens e com os elementos da natureza, para se tornar lugar de trabalho e lucro, tornando-se mais uma mercadoria. O dinheiro passa a intermediar as relações e separar o homem que vive no campo da sua relação de identificação com os elementos da natureza, como nos fala Simmel:

(...) o dinheiro, com o incremento de seus papéis, nos põe em uma distância psíquica cada vez maior com relação aos objetos; freqüentemente em uma distancia tal, que a substância qualitativa do objeto se subtrai completamente de nossa vista. (...) E isto vale não só para objetos da cultura. Toda a nossa vida é atingida também pelo distanciamento em relação à natureza, forçado pela a vida ligada à economia monetária e conseqüentemente à cidade. (apud WAIZBORT, 2000, p.191)

Citei o momento em que fomos à Carnafístula e ficamos admirados com o céu estrelado, diferentemente do céu da cidade de Fortaleza. Os moradores dessa localidade ficaram zombando do nosso comportamento, porque esse cenário era bastante familiar para eles. Simmel mostra que foi por esse distanciamento em relação à natureza que o homem urbano romantizou a natureza:

O sentimento romântico da natureza são as conseqüências daquele distanciamento da natureza, daquela existência verdadeiramente abstrata a que a vida citadina baseada na economia monetária nos levou. (apud WAIZBORT, 2000, p.191)

Ivânia expõe a necessidade das pessoas moradoras das cidades de estarem voltando para os ambientes naturais. Uma necessidade que se expressa através de fuga para saciar uma “vontade de preenchimento”:

Mesmo as pessoas que nunca viveram no campo e que vivem nas cidades, quando dá um feriado você ver todo mundo indo para o campo, para o sítio, para a praia, pras serras. As pessoas guardam uma sensibilidade. Então explode todo mundo na busca da natureza. Se a mercadoria, se as cidades supriram todas as necessidades que a terra supria, porque as pessoas correm tanto atrás do campo? Eu acho que não se preenche, fica sempre esse vazio que não é preenchido pela cidade.

Campbell (2007) discute o impacto que o meio ambiente causa na vida e na formação de histórias e mitologias de povos que vivem em contato com a natureza: agricultores, caçadores, povos de planícies e florestas. Esses indivíduos sacralizam elementos de seu mundo e se tornam parte integrante da paisagem natural. Campbell (idem) cita uma carta escrita por um chefe Seattle por volta de 1852, quando o governo dos Estados Unidos fez um inquérito sobre a aquisição de terras tribais para os imigrantes que chegavam ao país. Abaixo, um pequeno trecho da carta que o chefe Seattle escreveu:

O presidente, em Washington, informa que deseja comprar nossa terra. Mas como é possível comprar ou vender o céu, ou a terra? A idéia nos é estanha. Se não possuímos o frescor do ar e a vivacidade da água, como vocês poderão comprá-los? Cada parte da terra é sagrada para o meu povo. Cada arbusto brilhante do pinheiro, cada porção de praia, cada bruma da floresta escura, cada campina, cada inseto que zune. Todos são sagrados na memória do meu povo. (...) Somos parte da terra, e ela é parte de nós.(CAMPBELL, p.34, 2007)

Em variadas culturas, nas representações religiosas, “deus” se encontra na natureza, nas águas, nos animais, na terra e na humanidade dos homens, como podemos observar em alguns mitos gregos.

4.1. O Imaginário Religioso e a Formação das Subjetividades no Grupo “Caricultura”

Inácio e Ivânia nas entrevistas, expressam suas experiências religiosas com a igreja católica. Apesar de não vivenciarem mais essa religião, a influência da mesma repercutiu em suas trajetórias de vida. Como expõe Inácio:

Assim como a Ivânia eu nasci e me criei no campo. Nossa trajetória foi um pouco parecida. Eu tinha vivido uma história com o seminário e foi na época da teologia da libertação, foi na época do encontro latino americano dos bispos em Puebla, México. Primeiro em Medellín, depois Puebla. Tudo isso aí influenciou muito. A igreja voltou para questões sociais e isso mexeu muito com a população e muita gente se despertou a partir daí. (...).Tinha uns boletins: o evangelho é vida. Esses boletins instruíam a fazer reuniões com a gente das comunidades para animar as reuniões da comunidade e ficava questionando, fazendo leituras dos fatos da vida e os fatos da vida era a nossa problemática que as pessoas sofriam (...). Era isso que animava a gente e me animou para ir ao seminário, para ser padre. Passei uns sete anos com os padres italianos (...). A igreja tinha suas limitações e as pessoas não são obrigadas a ficar nas limitações da igreja. Foi bom porque a gente abriu os olhos para muita coisa. A gente faz o que a gente aprendeu. A igreja teve uma metodologia muito eficaz. A metodologia de trabalhar a abnegação, onde as pessoas deixavam tudo, suas coisas importantes, seus afazeres, suas mordomias e trazia para a realidade do povo. Os adeptos da teologia da libertação, os padres chamados padres descalços, usavam um chinelinho simples, fumavam um pé duro, tomava uma cachaça com o agricultor. Quebrava aquele tabu, aquela separação, aquela distância do padre lá de cima para o trabalhador. Sabe quando ele se despossuía de tudo e brincava com você e igualava totalmente. Foi o suficiente para conquistar. Isso houve muito dentro da igreja. Então quando criança a gente via o adulto acostumado a mandar e te olhar de cima para baixo e te chamar de pirralho. Qualquer coisa que você queira você deve se despossuir da sua arrogância, do seu autoritarismo e se igualar... Você vai conseguir repassar. 'Eu acho que isso ajudou muito.

Como podemos observar, a Igreja simbolizou a abnegação, o desprendimento das coisas materiais em prol do próximo. Os padres da teologia da libertação andavam no meio dos camponeses e trazia reflexões sobre o cotidiano desses. Essa é uma conduta pregada por Jesus no novo testamento em Lucas capítulo dezoito, versículo vinte e dois, Jesus diz: “vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres, e terás um tesouro no céu; vem e segue-me”. Esse modo de

desprender-se das coisas materiais e individuais também está presente no exemplo do *Caldeirão*, citado anteriormente, consistindo em “viver repartindo o pão entre irmãos na terra ofertada por Deus”.

Gomes (2001) mostra o processo de formação das subjetividades nas lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo pela reforma agrária. A autora expõe que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)³⁸ trouxeram a prática da reflexão nas ações praticadas entre atores sociais do campo, discutindo questões como desigualdade social e reforma agrária. Gomes cita cadernos de formação utilizados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)³⁹, que para a autora, são formadores de subjetividade no processo de construção da luta no campo. Em um destes cadernos, tem-se o seguinte título e texto: “A terra é de todos, disse Deus à Adão”:

A terra é posse e dom de Deus. A terra é para quem nela trabalha. A terra é de todos, disse Deus a Adão; toma e cultiva. Tira dela o pão. Deus não vendeu a terra a ninguém; como pode então alguém dizer que a terra é sua? (GOMES, 2001, p. 80)

Gomes (idem) recorre a um documento de Itaici⁴⁰ para mostrar que a reflexão se baseia na idéia de que a terra pode ser vista como terra de exploração

³⁸ As Comunidades Eclesiais de Base (CEB) são comunidades ligadas principalmente à Igreja Católica que, incentivadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), se espalharam principalmente nos anos 1970 e 80 no Brasil e na América Latina. As CEBs são comunidades, uma reunião de pessoas que vivem na mesma região e possuem a mesma fé. São eclesiais, porque estão unidas à Igreja. São de base porque são constituídas de pessoas das classes populares. Localizam-se em geral na zona rural e na periferia das cidades. Organizam-se em torno das paróquias ou capelas por iniciativa de leigos, padres ou bispos. Essas comunidades impulsionaram a criação de clubes de mães, associações de moradores, inserção no movimento operário, e outras iniciativas que fortaleceram o movimento social. Durante a luta contra a ditadura militar, deram uma grande contribuição à redemocratização do Brasil.

³⁹ A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Pastoral da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e realizado em Goiânia (GO). Inicialmente a CPT desenvolveu junto aos trabalhadores e trabalhadoras da terra um serviço pastoral. Na definição de Ivo Poletto, que foi o primeiro secretário da entidade, “os verdadeiros pais e mães da CPT são os peões, os posseiros, os índios, os migrantes, as mulheres e homens que lutam pela sua liberdade e dignidade numa terra livre da dominação da propriedade capitalista”.

⁴⁰ CBB, 1980.

ou terra de trabalho. A terra de exploração está associada ao capitalismo que utiliza a terra para explorar o trabalho alheio e especular. A terra de trabalho está associada à idéia de que a terra é de todos que trabalham nela, pois é um bem natural, dom de Deus, cuja posse só é legitimada pelo trabalho. Gomes (Idem), se referindo ao jornal *Poeira*⁴¹, mostra que a igreja católica traz ao campo a idéia judaica presente no Gênesis de que a terra e o homem são criados por Deus e voltar-se para Deus é construir com a natureza e com os homens integração e solidariedade.

Embora a Bíblia trate a terra como uma dádiva de Deus, existe outro aspecto na tradição bíblica que percebe a natureza como algo pecaminoso. De acordo com Campbell (2007), há duas espécies diferentes de mitologias. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural e há mitologias estritamente sociológicas que ligam os indivíduos a uma sociedade particular. Para Campbell, a tradição bíblica traz uma mitologia socialmente orientada, na qual a natureza é condenada.

Em algumas mitologias e filosofias⁴², o arquétipo⁴³ da terra também está ligado ao arquétipo do céu e um complementa o outro. A terra é pesada, escura, feminina e passiva. O céu é leve, claro, masculino, ativo. Com o decorrer do processo histórico, durante a Idade Média e com o catolicismo, as imagens da terra são negativas, assim como a imagem da mulher. A parte inferior da alma pertencia à terra, lá se situavam os demônios. Por isso, *Dionísio*, um deus que questiona valores “civilizados”, facilmente poderia ser visto como o próprio demônio. Muitas mulheres nessa época eram queimadas na fogueira como bruxas, bastando não seguirem as imagens que representavam a mulher como a Virgem Maria, isto é, uma figura sem

⁴¹ Ano II, número sete, fevereiro de 1979.

⁴² I-Ching (livro das mutações), obra filosófica, política e mítico-religiosa, atribuída sua escrita a Fu Hsi, rei Wen, duque de Chou e Confúcio (pensadores chineses que viveram na China antiga) mostra os signos básicos: yang e yin que representam a bipolaridade em que o universo se divide: homem/mulher; dia/noite; espírito/matéria; consciente/inconsciente; grande/pequeno.

⁴³ De acordo com Campbell, são idéias elementares, que poderiam ser chamadas de idéia de base (...) arquétipo do inconsciente significa que vem de baixo.

sexualidade. A mulher representava os instintos, sedução e pecado. O deus, homem estava no céu e era lá que estava a salvação. Assim, a própria natureza humana era considerada inferior. A depreciação e a hostilidade em relação à terra era também uma forma de repulsa do homem.

Um dos mitos gregos representante do feminino na psique humana é o mito de *Gaia* (terra). Esse aspecto permite uma melhor observação da subjetividade referente à ligação de homens e mulheres com a terra no sentido de amor por ela. Para a mitologia grega, a terra como toda a natureza estava investida de um significado transcendente e religioso além de ser fonte de sua vida cotidiana.

A princípio, de Gaia nasceu Urano ou o Céu, que uniu-se a ela gerando os gigantes, feios, violentos e poderosos Titãs, os Titânides, incluindo Cronos, o Devorador Pai do Tempo. Urano não tolerava os filhos e logo que nasciam, os empurrava de volta para dentro do útero, para o fundo da Terra Mãe, onde estagnavam pela ausência de luz, atividade e liberdade. Finalmente um deles, Cronos, foi secretamente removido do próprio útero da Mãe Gaia e quando o Pai Urano desceu para cobrir Gaia, esse filho titânico rebelde e irado castrou-o. Depois libertou seus irmãos e irmãs e, com isso deu início à era dos Titãs.⁴⁴

Este é o mito fundador grego, *Gaia*, a mãe terra é o aspecto feminino passivo e receptivo que envolve os mistérios da vida e da morte, pois seus filhos nascem de *Gaia* e a *Gaia* retornam. É a mãe geradora de tudo, é o local de onde tudo vem e tudo volta. *Gaia*, a mãe terra, foi considerada a profetisa do centro de adivinhação da Grécia antiga. O Oráculo de Delfos foi considerado o umbigo da terra e fonte de sabedoria da humanidade. *Gaia* era considerada ser de onde todas as criaturas brotavam, mas sua adoração foi substituída pela adoração a outros deuses.

De acordo com Campbell (idem), primordialmente, as sociedades agrárias, como a antiga Mesopotâmia e o Egito, quando utilizavam primitivos sistemas de cultura e plantio adoravam a figura da deusa como divindade, ou seja, relacionavam a figura da mulher com a terra. Esses povos personificavam a energia que dá origem a diversas formas de vida, associando-a à essência feminina. Como expõe

⁴⁴ www.rosanevolpatto.trd.br/deusagaia

Campbell: “Encontramos centenas de variações da deusa na primitiva Europa neolítica (...) e quando você tem uma deusa como criador, o próprio corpo dela é o universo. Ela se identifica com o universo”. (CAMPBELL, 2007, p.177)

Eliade (2007) expõe que religiões ligadas ao cosmos, assim como mitologias foram dessacralizadas e desmitificadas por uma racionalidade do mundo grego e esse pensamento nutriu a civilização ocidental. Entretanto, houve resistência das religiões e mitologias populares presentes na época do Império Romano que persistiram no cristianismo, ou seja, foram apropriadas, assimiladas no cristianismo. Essas mitologias se apresentam carregadas de tradições rurais e agrícolas, conservando raízes que remontam à era neolítica, trazendo herança pré-histórica. Todavia, essa religiosidade se expressava mais no fenômeno espiritual do que cultural, pois as criações populares não eram valorizadas por artistas europeus renascentistas.

Essas religiões pré-históricas integravam no homem a natureza e a cultura. A Igreja Católica traz uma herança dessa ligação. São Francisco de Assis⁴⁵ é uma figura que expressa essa conexão, por ter sido um santo católico considerado como patrono da ecologia. A igreja católica influenciou as trajetórias de muitos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Inácio e Ivânia trazem essa inspiração das religiões antigas em que a terra estava atrelada a Deus ou aos deuses. Essa percepção sobre elementos da natureza reforça a percepção ecológica do trabalhador do campo, demonstrada por esses personagens e trabalhada por meio das artes no assentamento “Barra do Leme”. Pressupõe a luta e resistência pela preservação da biodiversidade, na qual os moradores do campo fazem parte. É uma

⁴⁵ - São Francisco nasceu em 1181 em uma família da burguesia emergente da cidade de Assis que, graças às atividades de comércio em Provença (França), conquistou riqueza e bem estar. Numa noite conhecida como a noite do espolto, Francisco teve sua primeira *visita de Deus*, ou seja, foi o início de sua conversão e sua vida a partir desse momento mudou radicalmente. Acusado pelo pai de furto, devolve ao genitor o que lhe pertence, até as roupas e se declara servo de Deus. Pede ao Bispo sua bênção e abandona a cidade em busca dos caminhos do Senhor. Fundou em 16 de abril de 1209, com doze discípulos, a família dos doze irmãos menores, que viria a ser conhecida como a ordem dos frades menores. São Francisco é respeitado por várias religiões pela sua mensagem de paz, reconhecido como santo no mundo todo e adotado como patrono da ecologia e da paz.

luta pela criação e recriação da vida, ou seja, a vida como obra de arte, na qual o homem faz parte da pintura. Abaixo, a concepção de Ivânia sobre sua vivência com a terra:

Depois de tanta investida da civilização, da ditadura da civilização, da tecnologia, de todo esse sistema..., apesar de toda essa investida existe alguma coisa que não preenche que te empurra para o seu retorno natural. Para mim a terra faz parte de mim. É o meu equilíbrio. Eu passo o dia trabalhando a terra cavando no sol e não sinto um desgaste de energia. Sinto cansaço, mas um cansaço relaxado. Chaga a noite e é impressionante, você trocou a energia, você revigorou a energia também. Chega noite, tomo um banho e fico com as energias completamente revigoradas. Do contrário, quando venho da cidade, quando volto não sinto a energia e pareço uma pessoa doente, completamente descarregada, como uma bateria descarregada. Então a terra para mim ela faz parte da minha essência, ela é um todo. É a natureza, é a pulsação. É uma troca recíproca.

Alguns indivíduos que trabalham a terra estabelecem uma relação de identificação com a natureza e seus ciclos, assim como os índios, enxergam algo místico nos elementos da natureza. Para algumas tribos indígenas, antes de caçar, pescar ou plantar são reverenciadas as forças da natureza, através de rituais, com o pedido de permissão para a entidade, de representar aquele animal ou planta, mostrando um profundo respeito pela natureza. Como diz Campbell:

Quando o “vós” se transforma em “coisa”, você já não sabe de que relação se trata. A relação do índio com os animais difere da nossa relação com eles, na medida em que vemos os animais como forma inferior de vida. Na Bíblia, somos informados de que somos os senhores da terra. Para os povos caçadores o animal é superior, em mais de um sentido. (CAMPBELL, p. 82, 2007)

A vida daqueles que trabalham a terra é revelada pelas suas práticas, pelas suas expressões culturais, pela sua religiosidade, afinidade com as pessoas, danças, comidas, costumes e modo de se relacionar com a natureza. Também pela forma de produzir e cuidar da terra e de se relacionar com os frutos doados pela “mãe terra”, não diferenciando o trabalho da vida. A rotina tem uma profunda ligação com o cultivo das plantações. A terra se torna um lugar de produzir e cuidar da vida e isso fornece um sentido diferente à sua existência. Sua identidade está nos modos

de viver e de estar em sintonia com a natureza. É o que percebo na poética de Patativa do Assaré, acerca da terra:

Eu sou de uma terra que o povo padece. Mas não esmorece e procura vencer. Da terra querida, que a linda cabocla. De riso na boca zomba de sofrer. Não nego meu sangue, não nego meu nome. Olho para a fome, pergunto o que há? Eu sou brasileiro, filho do nordeste. Sou cabra da peste, sou do Ceará.

As sociedades contemporâneas, e seus modos de produção capitalista, foram construídos em cima de um imaginário racionalista e de uma representação antropocêntrica do mundo, contribuindo para separar homens e mulheres das paisagens naturais e da sensação de pertencimento. O grupo “Caricultura” vem, durante sete anos, levantando questões relacionadas à agroecologia como as queimadas, os agrotóxicos, os transgênicos, etc. A proposta do grupo artístico é estabelecer uma boa relação entre os elementos da natureza e os agricultores, principalmente, porque os componentes do “Caricultura” têm um histórico familiar de constante contato com a terra. Talvez, por isso, tenham conseguido enxergar um sentido de vida voltado para o cultivo da terra, ao mesmo tempo do cultivo das solidariedades. Através da vida como forma de arte, o “Caricultura” vai além da mera solução de problemas imediatos, mas desenvolvem indagações sobre o ser/estar dos seres humanos no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias Expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: Ensaio sobre a imaginação das Forças. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O Novo Espírito Científico** in Os Pensadores. São Paulo – SP: Abril Cultural, 1978.

BARROSO, Oswald. **A Arte e a Cultura na Construção da Reforma Agrária**. Fortaleza: INCRA-CE, 2005.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**: leituras de operárias. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1981.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo – SP: Livraria Duas Cidades, 1977.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis – RJ: Vozes, 1990.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LCT, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GOMES, Iria Zanoni. **Terra e Subjetividade**: a recriação da vida no limite do caos. Curitiba – PR: Criar Edições, 2001.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HENRIQUES, Antônio. **Iniciação ao Orientalismo**. Rio de Janeiro- RJ: Nova Era, 2000.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 1800**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1974.

JUNG, Carl Gustav, WILHELM, Richard. **O Segredo da Flor de Ouro: Um Livro de Vida Chinês**. Petrópolis: Vozes, 1983.

JUNITO, Brandão. **Mitologia Grega**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre-RS: Editora UFMG, 1999.

LEITÃO, Cláudia. **Por Uma Ética da Estética: uma reflexão a cerca da “Ética Armorial” Nordestina**. Fortaleza-CE, UECE, 1997. (Coleção Cultura É o que é?, vol III)

_____. **Cultura e Municipalização**. Salvador – BA: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **“Objeto, método e alcance desta pesquisa”**. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro-RJ, Francisco Alves, 1990.

MARCUSE, Herbert. **Eros e a Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1995.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: Uma Jornada Arquetípica**. São Paulo – SP, Editora Cultrix, 2007.

OLIVEIRA Jelson, BORGES, Wilton. **Ética de Gaia: Ensaio de ética socioambiental**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo- SP: editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade: Entrevista com Milton Santos**. São Paulo – SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2006.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: O Brasil de Baixo para Cima**. São Paulo – SP: Anita Garibaldi, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. Rio de Janeiro – RJ: Editora 34, 2000.

WEBER, Max. **Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

ANEXOS

Folder do Projeto “Cantos da Mata”

A ASSOCIAÇÃO

A Associação Comunitária Mandu Ladino dos Assentados da Barra do Leme – ACOMLAB foi fundada em final de 1996, quando famílias ocupantes da fazenda Madalena Velha, município de Madalena – CE, foram transferidos para a Fazenda Barra do Leme, 3.600 hectares recém desapropriados no município de Pentecoste.

A reunião de hábitos, talentos e valores culturais motivaram discussões e diálogos, ações e práticas conjuntas que resultaram em várias manifestações políticas, poéticas e artísticas sob o prisma da economia ecologicamente sustentável. E sobre esta base que surgiu preocupações com a nova realidade de conquistas, principalmente da energia elétrica que estimulavam mudanças de hábitos e com eles o desaparecimento paulatino do espírito brincalhão do povo raizista. Em sinal de resistência à perda da cultura do assentamento que estava sendo esmagada pela cultura da massa, foi criada o Grupo de Teatro Caricatura (crianças, jovens e adultos brincalhões).



CONTATOS

feijadbrabo@yahoo.com.br
 ivaniaalencar@yahoo.com.br
 jpmiaulima@yahoo.com.br

(85) 8854.7793 – Margarida Lima
 (85) 9952.7140 – Márcio Anderson

ponto de cultura

CANTOS DA MATA

FÓRUM ADMINISTRATIVO

ACOMLAB
 Grupo Caricatura de Teatro Livre
 Projeto Ciclovida

Participantes
 Antonia Maria Marinho
 Carlos Henrique
 Irene Maira
 Ivânia Alencar
 João Paulo Lima
 Manoel Inácio
 Márcio Anderson
 Margarida Lima
 Vângela Maria

REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MANDU
 LADINO DOS ASSENTADOS DE
BARRA DO LEME
 Pentecoste - Ce

APOIO INSTITUCIONAL

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
 Secretaria de Cultura

PATROCÍNIO

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
 Secretaria de Cultura

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MANDU
 LADINO DOS ASSENTADOS DE
BARRA DO LEME
 Pentecoste - Ce

Projeto Gráfico: Altamar de Monteiro

PONTO DE CULTURA CANTOS DA MATA

O assentamento Barra do Leme/Salgado está localizado no município de Penteado, Território da Cidadania de Itapipoca e tem uma população estimada em 300 pessoas. Sua organização baseia-se no cuidado com a terra, através de práticas ecológicas, que buscam a melhoria da qualidade de vida para todos. Nesse contexto, o Projeto Ciclovida e o Grupo Caricatura, apoiados pela Associação Comunitária Mandu Ladino, são iniciativas de cunho sócio-ecológico e cultural, que visam preservar as sementes crioulas, estimulando a consciência ecológica. Assim, o Ponto de Cultura Cantos da Mata tem potencializado as experiências culturais, artísticas e ambientais do Assentamento Barra do Leme, revitalizando a casa sede do assentamento e ampliando suas atividades para mais sete comunidades assentadas. Tem como público prioritário os jovens, integrando uma nova visão e perspectiva da juventude no campo.

O ponto de cultura pretende também divulgar a metodologia de cultivo de sementes crioulas, abordando questões ambientais no Ceará e no Brasil; difundir o legado de Chico Mendes; desenvolver trabalhos artísticos com jovens moradores de áreas de reforma agrária, comunidades rurais, nas áreas do teatro, da literatura, da música e da produção e gestão cultural, reforçando o diálogo entre a arte e a prática ecológica; além de valorizar a cultura popular e os saberes populares. Com essa iniciativa esperamos em nossa comunidade a ampliação e consolidação de suas experiências, o fortalecimento da sua capacidade organizativa e criativa, a elevação da qualidade do fazer artístico e cultural, a ampliação das alternativas de organização de ações de cultura e economia solidária e a constituição da comunidade com uma referência que une cultura e educação ambiental.

"Arte, luta e cultura para
cuspir na estrutura!"

O grupo vem realizando uma série de atividades culturais, como feiras livres de objetos usados que tem custeado viagens e estudos em benefício do próprio grupo. Várias encenações já foram feitas com peças criadas pelo grupo, abordando temas da realidade do assentamento, como a escassez de água, as queimadas e os agrotóxicos, bem como a problemática da educação. As atividades culturais do assentamento ocorrem a ano todo e os folguetos e crônicas movem todo o público infanto-juvenil, e até mesmo aos mais idosos.

O grupo já se apresentou várias vezes no próprio assentamento, por ocasiões das feiras, e em Fortaleza, no Teatro da Boca Rica e na Universidade Estadual do Ceará por convite de professores e alunos na conclusão de mestrado. Em 2009, o grupo foi contemplado pelo Programa BNH da Cultura montando o espetáculo "Renascentes", entre outras atividades, podemos destacar a participação do grupo no Festival de Cultura Terra Viva, Terra de Arte (Canindé-Ce) e no XXV Escambo Popular Livre de Igar (São Miguel do Gostoso - RN).

PROJETO CICLOVIDA

Ciclovida é uma iniciativa coletiva de cunho sócio-ecológico e cultural com o intuito de, por amizade, estabelecer discussões, conversas e trocas de sementes crioulas - como também - o uso da bicicleta como meio de transporte ecológico.

O projeto teve início com uma incursão de bicicleta pelas vias abertas dos bairros do Brasil e além fronteiras, chegando até a Argentina, fazendo levantamentos sobre as sementes crioulas ou naturais, realizando uma campanha de resgate e reapropriação (das sementes) por parte das comunidades rurais que foram marginalizadas, no longo do tempo capitalista, dos direitos de plantar, colher e plantar novamente com reprodução garantida das várias espécies vegetais: legumes, cereais, hortaliças entre outras variedades de nossa flora sob ameaça de extinção e que ainda não tenham sofrido modificação genética artificial que possam ter comprometido sua livre produção e reprodução. Mais que uma simples atividade, o CICLOVIDA é a ativação de um processo de busca de respostas para questões que levantamos em torno da relação homem / terra.

CARICATURA TEATRO LIVRE



Fotos do Cortejo pela Cidade de Canindé



FIGURA - 22 – Cortejo 1, Foto: Ana C. Santos 2009



FIGURA – 23- Cortejo 2. Foto: Ana C.Santos, 2009



FIGURA – 24 – Cortejo 3. Foto Ana C.Santos,2009

Fotos da apresentação:



FIGURA – 25, Início da Apresentação. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 26, Apresentação 1. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 27, Apresentação 2. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 28 , Apresentação 3, Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 29, Apresentação 4. Foto Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 30, Apresentação 5. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 31, Apresentação 6. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 32, Apresentação 7, Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 33, Apresentação das crianças 1. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 34, Apresentação das crianças 2. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA - 35 , Apresentação do Henrique, Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 36. Cenas finais. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 37, Cenas Finais 2 Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA 38, Cenas Finais 3. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 39, Cenas Finais 4. Foto: Ana C. Santos, 2009



FIGURA – 40, Cenas Fianis 5. Foto: Ana C. Santos, 2009